

# CRESCIMENTO INCLUSIVO EM MOÇAMBIQUE

- reforçando a investigação e  
as capacidades

## Determinantes das disparidades entre géneros no emprego dos jovens urbanos em Moçambique

Jana Bischler, Eva-Maria Egger, Paul Jasper, Ivan Manhique

**WORKING PAPER 2023**  
**DEZEMBRO DE 2023**



Com o apoio de:



Embaixada da Noruega



Schweizerische Eidgenossenschaft  
Confédération suisse  
Confederazione Svizzera  
Confederaziun svizra

Embaixada da Suíça em Moçambique

# SOBRE O PROGRAMA IGM

## **Crescimento inclusivo em Moçambique – reforçando a investigação e as capacidades**

IGM é um programa de pesquisa e desenvolvimento de capacidades que se baseia numa parceria única entre duas instituições moçambicanas e duas internacionais – o Ministério da Economia e Finanças de Moçambique (MEF), a Universidade Eduardo Mondlane (UEM), a Universidade de Copenhaga (UCPHDERG) e o United Nations University World Institute for Development Economics Research (UNU-WIDER).

O seu objetivo principal é produzir pesquisa de alta qualidade, disponível gratuitamente, para apoiar a formulação de políticas baseadas em evidências, promovendo o crescimento inclusivo e a resiliência que melhorem substancialmente os padrões de vida da população moçambicana. O programa é financiado pelos governos da Finlândia, Noruega e Suíça.

Copyright © UNU-WIDER

As opiniões expressas neste artigo são da responsabilidade do(s) autor(es) e não reflectem necessariamente as opiniões dos parceiros do programa Crescimento inclusivo em Moçambique – reforçando a investigação e capacidades, nem dos doadores do mesmo.

WIDER Working Paper 2023

**Determinantes das disparidades entre géneros  
no emprego dos jovens urbanos em  
Moçambique**

Jana Bischler,<sup>1</sup> Eva-Maria Egger,<sup>2</sup> Paul Jasper,<sup>1</sup> Ivan Manhique<sup>3</sup>

Dezembro 2022

**Resumo:** Neste estudo, exploramos os factores co-relacionados com a disparidade entre géneros no emprego entre os jovens urbanos em Moçambique. Os jovens são confrontados com decisões simultâneas sobre educação, trabalho e vida familiar, influenciadas por normas sociais em torno dos papéis de género. Usando dados de um painel de indivíduos em 2017 e 2020, com idades entre 15-25 anos em 2017, que abrange informações sobre educação, emprego, fertilidade, vida social, normas de género e muito mais, observamos um aumento de 10 pontos percentuais na diferença bruta de género no emprego ao longo do tempo, em desvantagem para as jovens mulheres. Explorando a natureza longitudinal dos nossos dados, aplicamos dois métodos para avaliar as principais correlações desta disparidade: uma decomposição de Oaxaca-Blinder em dados primeiramente diferenciados e uma abordagem LASSO de efeitos fixos a nível individual orientada para os dados. Ambas as análises revelam que as mulheres jovens enfrentam um trade-off significativo entre o trabalho e o tempo dedicado às actividades reprodutivas e que o mercado de trabalho parece recompensar uma melhor educação apenas para os homens.

**Palavras-chave:** disparidades entre géneros, emprego, decomposição, LASSO, Moçambique

**Classificação JEL:** J13, J16, J71, O55

**Agradecimentos:** Os autores agradecem a Sam Jones, Janneke Pieters e Cecilia Poggi pelos seus comentários construtivos que melhoraram muito este documento. Os autores agradecem o feedback dos participantes no seminário do IGM-CEEG em Maputo, num seminário da UNU-WIDER em Helsínquia e num seminário da associação MUVA em Maputo. A recolha de dados não teria sido bem-sucedida sem o excelente trabalho de Andres Arau e dos membros da Associação de Nutrição e Segurança Alimentar (ANSA).

**Nota:** Este estudo foi preparado no âmbito do programa Crescimento inclusivo em Moçambique – reforçando a investigação e capacidades implementado em colaboração entre o Ministério de Economia e Finanças de Moçambique, a Universidade de Eduardo Mondlane, a Universidade de Copenhaga, e o UNU-WIDER. O programa é financiado pelos governos de Finlândia e Noruega.

Esta é uma versão traduzida do Documento de Trabalho em inglês que se encontra disponível [aqui \(available in English\)](#).

---

<sup>1</sup> Oxford Policy Management, Oxford; <sup>2</sup> UNU-WIDER Maputo, <sup>3</sup> Investigador Independente. Autor para correspondência: [Paul.Jasper@opml.co.uk](mailto:Paul.Jasper@opml.co.uk)

Este estudo foi preparado no âmbito do projecto UNU-WIDER [Crescimento inclusivo em Moçambique – reforçando a investigação e capacidades](#) implementado em colaboração entre UNU-WIDER, Universidade de Copenhaga, Universidade de Eduardo Mondlane, e o Ministério de Economia e Finanças de Moçambique. O projecto é financiado através das contribuições de programas específicas pelos governos de Finlândia, Noruega e Suíça.

Copyright © UNU-WIDER 2023

UNU-WIDER aplica uma política de uso justo ("fair use") para reprodução razoável de conteúdo protegido por direitos autorais do UNU-WIDER—tal como a reprodução de uma tabela ou figura e/ou texto não superior a 400 palavras—com o devido reconhecimento da fonte original, sem exigir permissão explícita do detentor dos direitos autorais.

Informações e pedidos: [publications@wider.unu.edu](mailto:publications@wider.unu.edu)

Texto dactilografado preparado por Lorraine Telfer-Taivainen. Translated by Sofia Roborg-Söndergaard.

O United Nations University World Institute for Development Economics Research fornece análises económicas e consultoria sobre políticas, com o objectivo de promover o desenvolvimento sustentável e equitativo. O Instituto iniciou as suas operações em 1985, em Helsínquia, Finlândia, como o primeiro centro de investigação e formação da Universidade das Nações Unidas. Hoje, é uma mistura única de think tank, instituto de investigação e agência das Nações Unidas, fornecendo uma gama de serviços, desde consultoria política a governos a investigação original disponível gratuitamente.

O Instituto é financiado com a receita de um fundo de dotação, com contribuições adicionais para o seu programa de trabalho da Finlândia e da Suécia, além de contribuições direccionadas para projectos específicos de vários doadores.

Katajanokanlaituri 6 B, 00160 Helsínquia, Finlândia

As opiniões expressas neste artigo são da responsabilidade do(s) autor(es) e não reflectem necessariamente as opiniões do Instituto ou da Universidade das Nações Unidas, nem dos doadores do programa/projecto.

## 1 Introdução

É frequentemente reconhecido que o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho e a melhoria do acesso a empregos de qualidade são factores directos e indirectos de crescimento económico e desenvolvimento; ver, por exemplo, Klasen (1999) e Verick (2014). Os canais através dos quais os efeitos positivos da melhoria dos indicadores das mulheres no mercado de trabalho se podem materializar incluem o rendimento familiar adicional (Galor e Weil, 1996), o aumento do capital humano (Klasen e Lamanna 2009) e efeitos demográficos positivos (Behrman e Gonalons-Pons 2020; Bloom et al. 2003; Bongaarts et al. 2019). A melhoria dos indicadores do mercado de trabalho para as mulheres também conduz a um aumento do poder de acção e de decisão das mulheres (Annan et al. 2019; Kabeer 2008) e, conseqüentemente, a potenciais melhorias nos indicadores de nutrição, saúde e educação das crianças (Chari et al. 2017; Perez-Alvarez e Favara 2020; Quisumbing 2003).

No entanto, as baixas taxas de participação das mulheres na força de trabalho persistem em muitos países (Klasen 2019). Para compreender os determinantes das baixas taxas de participação e da disparidade entre géneros nos resultados do mercado de trabalho nos países de rendimento médio e baixo (PRMB) e para desenvolver respostas com políticas eficazes, é importante uma análise da dinâmica no início da vida económica dos jovens. Este facto deve-se principalmente a duas razões: Em primeiro lugar, as diferenças de género nos resultados do mercado de trabalho materializam-se frequentemente na juventude quando as decisões relativas ao trabalho coincidem com o casamento e as primeiras escolhas em termos de fertilidade. As diferenças são persistentes, impedindo as mulheres jovens de alcançarem o seu potencial numa fase posterior da vida e conduzindo a reduções a longo prazo no bem-estar e na protecção social das mulheres (Fox 2019). Em segundo lugar, quase mil milhões dos 1,2 mil milhões de jovens entre os 15 e os 24 anos em todo o mundo vivem em países em desenvolvimento, o que os coloca no centro do debate sobre o desenvolvimento sustentável (IFAD 2019). Enquanto a população no resto do mundo está, ou estará em breve, a envelhecer, a África Subariana tem a maior taxa de crescimento projectada para a população jovem, o que representa uma oportunidade sem precedentes se os países encontrarem formas eficazes de enfrentar o desafio do emprego jovem e gerirem bem a transição demográfica (Bandiera et al. 2022; Filmer e Fox 2014). Bandiera et al. (2022) documentam que, em comparação com os jovens de outros continentes, os jovens africanos têm a mesma probabilidade de trabalhar, mas menos probabilidade de serem pagos e de trabalharem num emprego assalariado porque o crescimento do emprego é limitado. Embora a disparidade de género na educação tenha diminuído drasticamente no continente, a mesma disparidade no emprego diminuiu muito menos (Mariara et al. 2018).

Moçambique não é excepção. De acordo com os indicadores de desenvolvimento do Banco Mundial, cerca de 20% dos moçambicanos têm entre 15 e 24 anos e uma proporção crescente da população vive em zonas urbanas (37% em 2020, com uma taxa de crescimento anual superior a 4%). A nível nacional, em 2019, cerca de 80% da população está activa no sector agrícola de subsistência, sendo muitas delas mulheres. No entanto, a agricultura de subsistência não é considerada um emprego (Gaddis et al. 2020; OIT 2013). O emprego em outros sectores fora do de subsistência tem vindo a aumentar desde a década de 1990, mas continua a existir uma diferença significativa entre as taxas de emprego masculino e feminino. Em 2014/15, 12,6% das mulheres em idade activa e 30% dos homens em idade activa em Moçambique estavam empregados no sector de não subsistência. Entre eles, 31% das mulheres trabalhavam como trabalhadoras familiares não remuneradas, em comparação com 14% dos homens (Gradín e Tarp 2019).

O nosso estudo centra-se na disparidade entre géneros nos indicadores do mercado de trabalho entre os jovens urbanos em Moçambique. Usamos um painel de dados excepcionalmente rico que acompanha uma amostra de jovens (com idades entre 15 e 25 anos em 2017) em duas das maiores cidades de Moçambique entre 2017 e 2020. Analisamos como as diferenças de género nas taxas de emprego de não subsistência entre eles mudam ao longo do tempo e identificamos factores que estão associados a essas mudanças. Mais especificamente, estamos interessados em avaliar como os factores que estão relacionados com as mudanças na situação de emprego variam entre os participantes do sexo masculino e feminino. Começamos por aplicar uma abordagem clássica de regressão e decomposição para testar a relevância dos determinantes estabelecidos na literatura para o nosso contexto. Em seguida, empregamos uma abordagem determinada pelos dados, utilizando a regressão em painel *Least Absolute Shrinkage and Selection Operator* (LASSO) [Operador de selecção e contracção mínima absoluta], inspirada em Belloni et al. (2016), para permitir o aparecimento de factores anteriormente não considerados que estão relacionados com as mudanças na situação de emprego.

Na nossa análise, mostramos que os homens jovens que fazem parte do nosso estudo têm uma probabilidade significativamente maior de estar empregados do que as mulheres jovens e que esta diferença aumenta significativamente em 10 pontos percentuais entre o período de 2017-20, o que é principalmente impulsionado pelo grupo mais jovem de homens que transitam para o emprego durante este período. Este facto é confirmado pela nossa análise de decomposição, onde encontramos uma diferença de 11 pontos percentuais no emprego entre os homens e as mulheres. Esta diferença é quase totalmente explicada pela componente não observada, ou seja, diferenças não observadas nas preferências entre homens e mulheres ou discriminação que as mulheres enfrentam. Para os homens, a educação está associada a melhorias nas perspectivas de emprego, enquanto para as mulheres não está. Em contrapartida, as mulheres jovens parecem enfrentar um compromisso significativo entre passar o tempo no trabalho ou em casa com o trabalho reprodutivo, ao passo que para os homens este facto não parece ser importante. Não encontramos associações significativas em termos dos nossos indicadores de atitudes de normas sociais. A análise LASSO confirma as conclusões anteriores. Além disso, revela que existe uma associação positiva e significativa entre a pertença a um grupo de poupança e o emprego das mulheres jovens. Estes resultados são robustos para correcções de atrito, alterações nas especificações de regressão para permitir definições alternativas de normas sociais e a escolha de contrafactuais na análise de decomposição.

A contribuição do nosso estudo para a literatura existente é tripla. Em primeiro lugar, os dados de inquéritos longitudinais – que incluem perguntas específicas sobre normas sociais, comportamentos e atitudes em relação ao emprego das mulheres – permitem-nos investigar a relevância de uma multiplicidade de dimensões identificadas na literatura num contexto de painel de dados, ou seja, controlando as características não observáveis e invariáveis no tempo entre os inquiridos. Em segundo lugar, implementamos uma abordagem inovadora baseada em dados para identificar de forma robusta preditores significativos do emprego variáveis no tempo, aos quais a literatura até à data poderá não ter prestado atenção. Em terceiro lugar, concentramo-nos especificamente nos resultados do emprego no início da vida económica dos jovens moçambicanos urbanos. Isto permite-nos fornecer evidências sobre os factores que impulsionam os diferenciais iniciais do mercado de trabalho entre homens e mulheres jovens, que por sua vez podem levar a desigualdades persistentes no mercado de trabalho mais tarde na vida para um conjunto cada vez mais importante de moçambicanos urbanos.

O resto do presente documento está estruturado da seguinte forma. Na Secção 2, apresentamos uma visão geral da literatura sobre os factores que determinam as disparidades entre géneros nos resultados do mercado de trabalho nos países de rendimento médio e baixo. A Secção 3 apresenta o painel de dados MUVA sobre jovens urbanos que constitui a base das nossas análises. Em

seguida, na Secção 4, descrevemos as nossas principais abordagens de estimativa. Na Secção 5, apresentamos e discutimos os nossos resultados. A Secção 6 conclui com uma discussão sobre as limitações do estudo e as implicações do nosso trabalho.

## **2 Factores que determinam as disparidades entre géneros nos resultados do mercado de trabalho nos países de rendimento médio e baixo**

Uma teoria amplamente estudada sobre os factores que determinam a participação das mulheres no mercado de trabalho é a hipótese da feminização em forma de U (Boserup et al. 2013; Goldin, 1995). De acordo com esta hipótese, a participação feminina no mercado de trabalho é elevada nos países pobres, onde as mulheres se dedicam a actividades de subsistência por necessidade. À medida que as economias se desenvolvem e avançam para empregos industriais dominados pelos homens, a participação da mão de obra feminina diminui até voltar a aumentar, à medida que os níveis de educação das mulheres melhoram, as taxas de fertilidade diminuem e as mulheres respondem a uma procura crescente no sector dos serviços. Embora haja alguma evidência de que esta hipótese em forma de U se mantém (Jayachandran 2020), é importante notar que nem todos os mercados de trabalho e economias seguem este padrão (Klasen 2019; Verick 2014). Por exemplo, Gaddis e Klasen (2014) encontraram pouco apoio empírico para a hipótese da feminização em forma de U nos actuais países em desenvolvimento e Idowu e Omowumi (2019) argumentam que, nos países africanos, a relação entre a participação da força de trabalho feminina e o desenvolvimento económico segue uma relação em forma de U invertido.

Para além do nível de desenvolvimento económico e da estrutura da economia, a literatura global identifica uma série de factores que se sobrepõem e que explicam as disparidades entre homens e mulheres em termos de resultados no emprego (Verick 2014). Esta literatura identificou uma série de canais diferentes que afectam estas disparidades entre homens e mulheres, com um enfoque recente em três canais principais: diferenças no capital humano e nas competências entre homens e mulheres; normas sociais; e discrepâncias no acesso e na utilização das tecnologias da informação e da comunicação (TIC). Passamos brevemente em revista cada um deles.

Um dos principais factores normalmente identificados como determinantes dos resultados do emprego é a acumulação de capital humano e as competências que os trabalhadores adquirem na escola ou no trabalho (Becker 1962; Mincer 1974; Schultz 1961). Consequentemente, as disparidades nos níveis de educação ou de competências entre homens e mulheres é frequentemente considerado como tendo também um poder explicativo significativo para as diferenças nos resultados do mercado de trabalho entre homens e mulheres (Cazes e Verick 2013; Rebollo-Sanz e Rica 2020). Por exemplo, para Moçambique, Gradín e Tarp (2019) utilizam uma decomposição de Oaxaca-Blinder para mostrar que as disparidades no capital humano, medidas pelo nível de escolaridade, pelos níveis de literacia e pela proficiência em português, são um dos dois factores que explicam as disparidades no emprego de não subsistência entre homens e mulheres em Moçambique.

Existe também um amplo consenso na literatura de que as normas sociais ou culturais, entendidas vagamente como as regras informais da sociedade sobre o comportamento adequado de cada um, podem afectar de forma diferenciada os resultados do emprego de homens e mulheres (Jayachandran 2020). Por exemplo, Maxwell e Wozney (2021) concluíram que, nos EUA, as normas sobre o trabalho e a vida doméstica explicam cerca de 60% da diferença salarial entre homens e mulheres e, na China, Xiao e Asadullah (2020) calcularam que as normas comunitárias relacionadas com o género são responsáveis por 41% das diferenças inexplicáveis na participação de homens e mulheres na força de trabalho. Estas normas sociais podem assumir uma variedade

de formas. Por exemplo, as normas sobre os tipos de trabalho que são adequados para as mulheres podem restringir o seu acesso ao emprego (Boudet et al. 2013). Da mesma forma, em alguns contextos, tanto o risco real de assédio sexual no trabalho como as percepções em torno deste e da segurança em geral podem levar a níveis mais baixos de participação feminina na economia (Chakraborty et al. 2018; Siddique 2018). Noutros contextos, as normas que restringem a mobilidade das mulheres podem afectar negativamente a sua participação efectiva nas actividades económicas (Field et al. 2010; Jayachandran 2020). Outro grupo importante de comportamentos impulsionados pelas normas de género identificadas na literatura diz respeito aos cuidados não remunerados ou ao trabalho reprodutivo, que é frequentemente considerado como sendo do domínio das mulheres e, portanto, pode limitar o tempo que elas têm disponível para participar no mercado de trabalho formal e remunerado (Charmes 2019; Clark et al. 2019). Na mesma linha, os estudos identificaram as tarefas domésticas, a maternidade (Arsalan et al. 2019) e o casamento (Lee et al. 2008) como factores que limitam a participação das mulheres na força de trabalho. De facto, Gradín e Tarp (2019) concluem que o segundo principal factor que explica a diferença de emprego entre homens e mulheres em Moçambique é o casamento. O tema comum a todos estes estudos é que as normas sociais restringem a participação das mulheres na força de trabalho, quer directamente, por exemplo, estigmatizando certos tipos de empregos, quer indirectamente, definindo como as mulheres se devem comportar em determinadas condições, por exemplo, quando casadas ou quando têm filhos, o que limita a sua capacidade de trabalhar. A maior parte da literatura acima referida descreve os factores discutidos como ‘discriminação contra as mulheres’. No entanto, tal como discutido por Oaxaca (2007) e Neumark (2018), algumas das disparidades entre géneros observados também podem resultar de diferenças nos gostos ou preferências dos indivíduos, por exemplo, o número desejado de filhos ou os tipos de emprego que gostariam de ter. Acreditamos, contudo, que estas preferências são frequentemente moldadas ou influenciadas pelo ambiente cultural e pelas normas sociais prevalecentes que os indivíduos enfrentam.

Por último, o acesso e a utilização das TIC têm frequentemente um impacto positivo nos resultados do mercado de trabalho nos países em desenvolvimento (Bahia et al. 2021; Eyike Mbongo 2019; Hjort e Poulsen 2019; Tshukudu 2019). Ao mesmo tempo, inúmeros estudos mostraram que as mulheres em todo o mundo têm menos probabilidades de aceder e utilizar as TIC do que os homens. Estima-se que a disparidade digital entre géneros seja maior na África Subsariana (Antonio e Tuffley 2014). A eliminação desta disparidade digital tem, conseqüentemente, demonstrado melhorar efectivamente os resultados das mulheres no mercado de trabalho. Por exemplo, Nikulin (2017) e Valberg (2020) demonstraram que o acesso às TIC contribuiu para reduzir a disparidade entre géneros na participação na força de trabalho, aumentando a participação das mulheres na força de trabalho, mas sem impacto na participação dos homens na força de trabalho. Noutro exemplo, verificou-se que o acesso à internet também levou as mulheres a utilizá-la para procurar emprego na Jordânia (Viollaz e Winkler 2021). Em suma, a igualdade de acesso e de conhecimento das TIC é vista como uma condição importante nas economias modernas para a igualdade de participação no mercado de trabalho.

Conforme descrito acima, o nosso estudo contribui para esta literatura ao utilizar um painel de dados recolhidos entre jovens nas zonas urbanas de Moçambique que nos permite investigar a importância relativa destes canais ao mesmo tempo. A utilização de procedimentos automatizados de selecção de variáveis também nos permite acrescentar robustez a estas conclusões, assegurando que os factores identificados como significativos não são apenas determinados pelo arbítrio e antecedentes do investigador, neste caso os nossos. Nas secções seguintes, descrevemos os dados e os nossos métodos de forma mais pormenorizada.





Fonte: Arau et al. (2018).

Em 2018, foi realizada uma segunda ronda de recolha de dados, seguindo-se uma subamostra aleatoriamente seleccionada de 1600 inquiridos do inquérito original, explicitamente estratificada por cidade e implicitamente por género, educação, bairro e área de enumeração. Ver Allen et al. (2020). Esta ronda abrangeu apenas um conjunto limitado das perguntas originais e centrou-se na medição das competências funcionais de literacia e numeracia dos jovens. Dois anos mais tarde, no final de 2020,<sup>3</sup> foi realizada uma terceira ronda do inquérito com o objectivo de voltar a entrevistar o maior número possível de jovens participantes da amostra de 1600 jovens da segunda ronda. Sempre que necessário e quando os indivíduos da amostra primária não estavam disponíveis, outros participantes da primeira ronda, mas que não foram seguidos na segunda ronda, foram entrevistados como inquiridos de substituição. O inquérito conseguiu acompanhar com êxito um total de 1195 participantes nesta terceira ronda, o que resultou numa taxa de atrito de 25,3%. Na Secção 5.3, observamos que, em média, as pessoas que abandonaram o inquérito têm mais probabilidade de serem mulheres ligeiramente mais velhas, com mais filhos e com mais poder de decisão sobre a sua própria mobilidade, pertencentes a agregados familiares ligeiramente mais pequenos. São menos as que são solteiras. Isto poderia enquadrar-se no perfil de mulheres jovens que se afastam do seu agregado familiar de base para outro local fora da nossa amostra.<sup>4</sup>

Tabela 1: Composição da amostra do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos por género e cidade

	Beira		Maputo		Total	
	%	N	%	N	%	N
Mulheres	55.2	353	56.9	316	56.0	669
Homens	44.8	287	43.1	239	44.0	526
Total	100.0	640	100.0	555	100.0	1,195

Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

O presente estudo centra-se no painel completo de 1195 participantes, para os quais estão disponíveis dados da primeira ronda em 2017 e da terceira ronda em 2020. Esta amostra inclui 56% de mulheres (N=669) e 44% de homens (N=526). A Tabela 1 apresenta a dimensão da amostra e as proporções por género e cidade.

### 3.2 Variáveis usadas neste inquérito

O principal resultado do mercado de trabalho utilizado neste estudo é o emprego, de acordo com a resolução da OIT (1982) sobre estatísticas de emprego. Refere-se às actividades económicas realizadas nos sete dias anteriores à realização da entrevista do inquérito e classifica qualquer pessoa como ‘empregada’ se tiver realizado qualquer trabalho remunerado ou não remunerado, quer como trabalhador por conta de outrem quer como trabalhador por conta própria. É importante notar que isto também inclui o trabalho não remunerado numa empresa familiar.<sup>5</sup> ‘Qualquer trabalho’ significa ter trabalhado pelo menos uma hora no período de referência de sete dias. Por último, esta definição também classificou como empregadas as pessoas que declararam não ter trabalhado

<sup>3</sup> O inquérito foi realizado durante a pandemia de COVID-19, respeitando cuidadosamente as medidas de segurança recomendadas. As restrições governamentais estiveram em vigor durante toda a duração do inquérito, sendo iguais para todos os inquiridos.

<sup>4</sup> Discutimos as implicações do atrito para os nossos resultados na Secção 5.3.

<sup>5</sup> A agricultura de subsistência não é considerada emprego de acordo com a revisão de 2013 das estatísticas laborais da OIT (OIT 2013). Dado que a nossa amostra é urbana, não temos ninguém a trabalhar neste sector.

nos sete dias anteriores ao inquérito, mas que tinham um emprego, um trabalho por conta própria ou um trabalho não remunerado numa empresa familiar, ao qual regressariam de certeza nas semanas seguintes. Na Figura 2, apresentamos as principais estimativas deste indicador para o nosso painel. A fim de contextualizar estas estimativas, apresentamos também estimativas relacionadas com algumas outras medidas de emprego ou trabalho na Secção 3.3.

### *3.2.1 Co-variáveis utilizadas na análise teórica*

Como será descrito na Secção 4, implementamos duas estratégias de estimativa separadas neste estudo que lidam com a selecção de co-variáveis de forma diferente. Para a nossa primeira estratégia de estimativa, a que chamamos análise orientada pela teoria, seleccionamos as principais co-variáveis a incluir na nossa análise com base nos canais identificados na revisão da literatura apresentada na Secção 2. Descrevemos as variáveis seleccionadas na Tabela 2 e apresentamos aqui um resumo.

Para obter informação sobre o canal da educação, incluímos na nossa análise uma medida do grau mais elevado concluído pelo inquirido. Para obter informação sobre o canal alargado das normas sociais, incluímos várias variáveis diferentes: primeiro, incluímos as horas gastas em trabalho reprodutivo pelo indivíduo no dia anterior ao inquérito. Em segundo lugar, incluímos uma variável que indica se o indivíduo pode decidir sobre os seus movimentos fora de casa. Em terceiro lugar, medimos as normas sociais em torno das mulheres em posições de liderança utilizando duas variáveis, perguntando se o próprio inquirido aprova as mulheres em posições de liderança e se pensa que os outros no bairro o fazem. A primeira variável visa extrair directamente os pontos de vista dos inquiridos sobre as mulheres em posições de liderança, enquanto a segunda variável expõe o que os inquiridos consideram ser a norma social no seu grupo de referência relevante. Um indivíduo pode concordar em privado com a presença de mulheres na liderança, mas reconhecer que a opinião dominante sobre esta matéria é diferente. Estas duas variáveis complementares podem, assim, ter influências diferentes no resultado do emprego dos jovens.

Em quarto lugar, para obter informação sobre o capital social dos indivíduos, incluímos uma variável que mede o facto de fazerem ou não parte de grupos sociais, para além dos grupos religiosos, como, por exemplo, grupos de poupança ou grupos políticos, uma vez que pressupomos que estes fornecem uma medida do grau de ligação dos indivíduos a outros na comunidade local. Em quinto lugar, incluímos o número de filhos vivos na nossa análise, uma vez que controla o compromisso entre emprego, decisões de fertilidade e trabalho de prestação de cuidados que os indivíduos enfrentam e que pode ser diferente para homens e mulheres devido a normas sociais relativas às responsabilidades de criação dos filhos (Doepke et al. 2022).<sup>6</sup> Por último, para obter informação sobre as normas relativas ao casamento, incluímos um indicador binário que indica se o indivíduo é casado ou não. Em conjunto, estas variáveis abrangem um vasto leque de diferentes formas através das quais as normas sociais podem afectar a vida dos jovens. Para obter informação sobre o terceiro canal que afecta o emprego acima referido, o acesso e a utilização das TIC, incluímos uma variável que indica se um indivíduo utiliza frequentemente um computador ou não.

---

<sup>6</sup> As nossas principais análises são robustas em relação a especificações alternativas, em que incluímos outras variáveis que obtêm informação sobre as normas relativas à maternidade que os inquiridos podem ter, como, por exemplo, o número de filhos que consideram ideal para as mulheres terem. Ver Apêndice A2.

Tabela 2: Co-variáveis utilizadas na análise teórica

Variável	Definição
Grau mais elevado concluído	Nível de ensino mais elevado que o inquirido obteve no momento de cada ronda do inquérito, medido em anos.
Solteiro	Se o inquirido é solteiro no momento de cada ronda do inquérito ou não (ou seja, se está numa união conjugal ou se é actualmente casado). (0=não, 1=sim)
Número de filhos ainda vivos	O número de filhos do inquirido vivos no momento de cada ronda do inquérito.
Número de horas gastas por dia em trabalho reprodutivo	O número de horas que o inquirido dedicou ao trabalho reprodutivo no dia anterior à entrevista. Isto inclui tarefas domésticas, cuidar de crianças, ou cuidar de doentes e idosos.
Tomar decisões sobre os meus movimentos sozinho	Se o inquirido, em geral, toma decisões sobre a sua deslocação sozinho ou não. (0=não, 1=sim)
Utiliza frequentemente um computador	Se o inquirido diz utilizar frequentemente um computador, ou seja, pelo menos uma vez por semana. (0=não, 1=sim)
Membro de um grupo social (excepto igreja)	Se o inquirido declara ser membro de um grupo social (grupo de crédito/poupança, grupo político, grupo comunitário, outros). (0=não, 1=sim)
Os outros aprovam as mulheres na liderança	Se o inquirido considera que mais do que a maioria das pessoas do seu bairro aprovaria o facto de uma mulher ser seleccionada para a liderança de uma organização (profissional, escolar, política, comunitária). (0=não, 1=sim)
Aprovaria a presença de mulheres na liderança	Se o inquirido aprovaria que uma mulher fosse seleccionada para uma posição de liderança numa organização. (0=não, 1=sim)
Índice de Pobreza Simples 2014/2015	Riqueza do agregado familiar calculada utilizando uma abordagem do índice de pobreza simples. Abrange a posse de bens e características dos agregados familiares, apresentadas em (Schreiner 2017).
Idade	Idade do inquirido no momento de cada ronda do inquérito, em anos.
Dimensão do agregado familiar	O número de indivíduos que são membros do agregado familiar do qual o inquirido também é membro no momento de cada ronda do inquérito.
Composição do agregado familiar: rácio entre os sexos	O rácio de membros femininos do agregado familiar em relação ao total de membros do agregado familiar. Um valor de um significa que todos os membros do agregado familiar são do sexo feminino.

Fonte: descrição dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

Além disso, incluímos um conjunto de variáveis de controlo para abranger algumas características sociodemográficas básicas dos participantes no estudo: a idade do inquirido, a cidade de residência, a dimensão do agregado familiar e a proporção de membros do sexo feminino. Por último, definimos uma pontuação de pobreza a nível do agregado familiar com base numa abordagem do índice de pobreza simples (ver Arau et al. 2018 para mais detalhes).

### 3.2.2 Co-variáveis utilizadas na análise LASSO

A ideia subjacente à utilização do LASSO para o nosso segundo procedimento de estimativa é que nos permite testar relações significativas entre a nossa variável-chave de resultado e um conjunto

potencialmente grande de co-variáveis (ver Secção 4.2 para mais pormenores). O questionário do nosso inquérito inclui 199 perguntas que, após tratamento e criação de indicadores, se traduzem a um conjunto de dados com mais de 450 variáveis. Isto inclui, no entanto, variáveis que não podem ser utilizadas na nossa análise por uma série de razões diferentes. Por exemplo, algumas variáveis serão definidas apenas para determinadas subpopulações de inquiridos ou estarão directamente relacionadas com a situação profissional e o tipo de trabalho realizado pelo indivíduo, ou seja, a nossa variável de resultado. Por conseguinte, implementámos um procedimento de tratamento de dados passo a passo para chegar a um conjunto final de variáveis a utilizar na nossa análise LASSO.

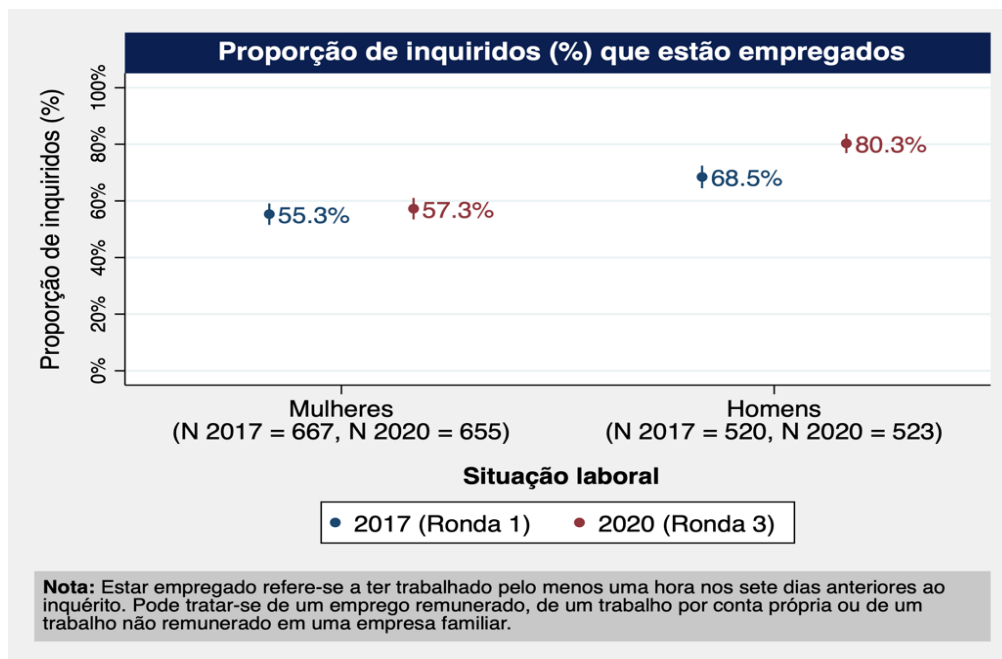
Numa primeira fase, recodificámos (sempre que possível) ou removemos variáveis que foram definidas apenas para uma subpopulação de inquiridos. Por exemplo, se uma pergunta fosse feita apenas a indivíduos inscritos, a categoria de não inscritos era rotulada como tal. Numa segunda fase, removemos variáveis de informação do inquérito, como, por exemplo, a área de enumeração ou o identificador de bairro. Em terceiro lugar, para evitar a introdução de relações artificiais entre o resultado e as co-variáveis, removemos qualquer variável que, por construção, estivesse relacionada com a situação profissional do inquirido. Por último, uma vez que quaisquer valores em falta numa variável incluída nas regressões LASSO afectariam o número de observações com que o modelo é executado, excluímos quaisquer variáveis com mais de 5% de valores em falta. No final deste processo, chegámos a uma lista de 149 variáveis binárias, categóricas e contínuas que estão incluídas na análise LASSO. Estas incluem as co-variáveis seleccionadas para a nossa análise baseada na teoria. A lista completa de variáveis é apresentada no Apêndice A1.

### **3.3 Resumo das estatísticas**

#### *3.3.1 As disparidades entre géneros no emprego ao longo do tempo*

Esta secção apresenta um resumo das principais características da amostra relacionadas com as disparidades entre géneros no emprego. Na Figura 2, ilustramos as disparidades entre géneros no emprego e a sua evolução ao longo das rondas de inquérito. A figura mostra que existe uma grande diferença de emprego entre homens e mulheres jovens, que está a aumentar ao longo do tempo. Enquanto as taxas de emprego quase não se alteraram para as mulheres participantes no inquérito (de cerca de 55% em 2017 para 57% em 2020, uma alteração que não é estatisticamente significativa), aumentaram significativamente para os homens jovens, de 68% em 2017 para 80% em 2020. O aumento da diferença bruta entre homens e mulheres ao longo do tempo é, por conseguinte, de 10 pontos percentuais. A maior parte deste aumento deve-se a um aumento significativo do emprego entre os homens com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos na Ronda 1 (2017) (ver anexo A1).

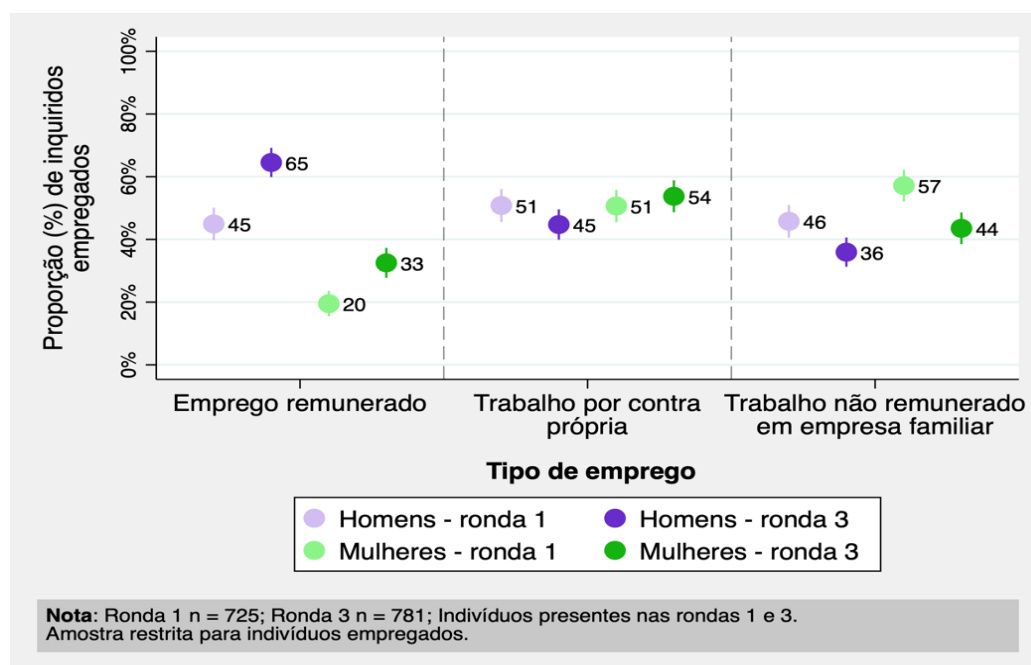
Figura 2: Taxa de emprego de homens e mulheres jovens, por ronda do inquérito (%)



Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

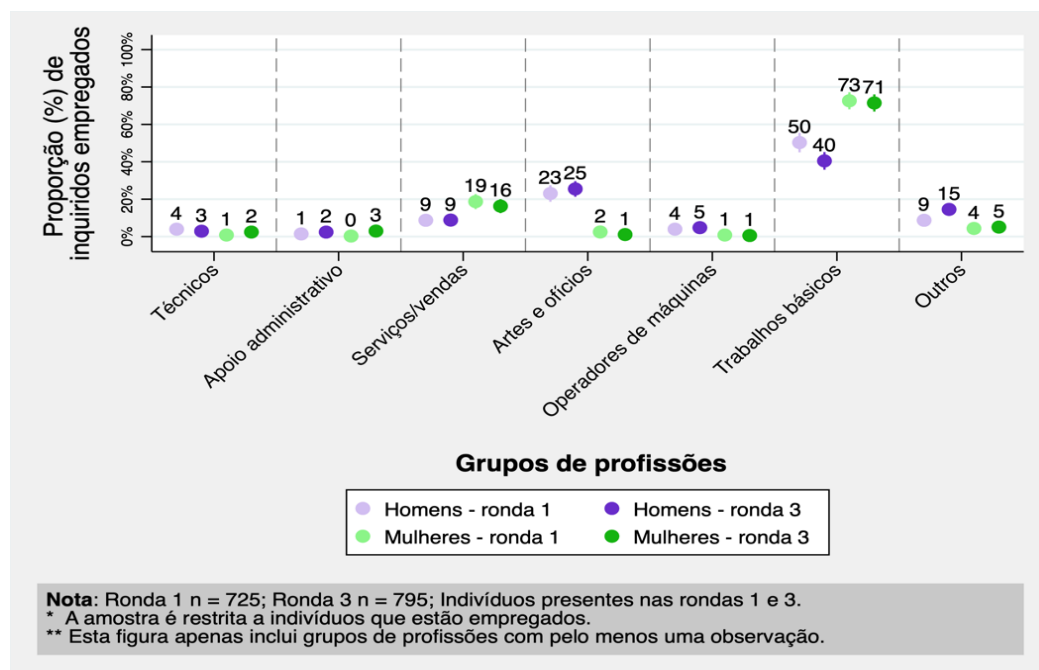
É também de referir que a taxa de emprego na Ronda 3 (2020) é mais elevada do que na Ronda 1 (2017), apesar de a pandemia da COVID-19 ter afetado a economia moçambicana em 2020. No entanto, é importante notar que este indicador de emprego não permite captar qualquer perda de rendimento devido à redução de horas ou rendimentos durante a pandemia (Egger et al. 2021).

Figura 3: Tipo de emprego por sexo e ronda de inquérito



Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

Figura 4: Profissão por sexo e ronda de inquérito



Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

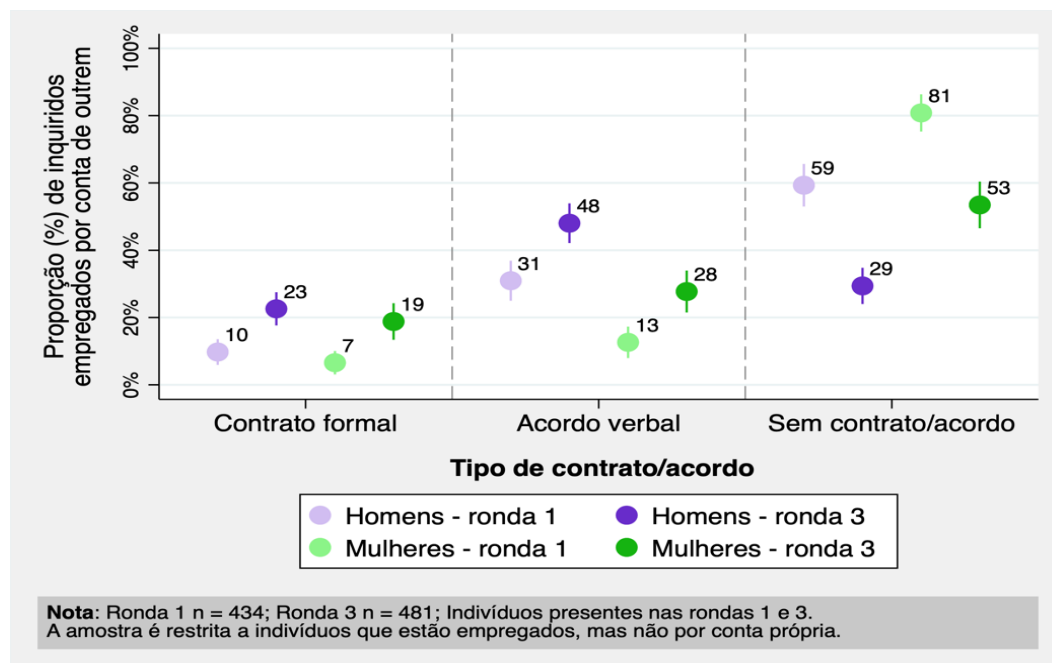
Para fornecer um contexto adicional, apresentamos estatísticas suplementares sobre outros indicadores relacionados com o emprego nas figuras seguintes e resumimos aqui as principais conclusões. Em primeiro lugar, caso tenham emprego, as mulheres jovens da nossa amostra têm menos frequentemente um emprego assalariado e têm mais probabilidades de realizar trabalho familiar não remunerado ou de trabalhar por conta própria (Figura 3), uma conclusão que se mantém em todas as rondas do inquérito. Esta conclusão também se mantém, de um modo geral, quando se desagrega esta análise por grupo etário, embora as mulheres mais jovens (com idades entre os 15 e os 18 anos em 2017) sejam significativamente menos propensas a ter um emprego assalariado do que as mulheres mais velhas (com idades entre os 19 e os 25 anos em 2020) em ambas as rondas do inquérito (ver Anexo A1). Em segundo lugar, uma grande parte dos jovens trabalha em profissões pouco qualificadas (Figura 4) e esta tendência é ainda mais forte no caso das mulheres. Em terceiro lugar, as jovens trabalhadoras da nossa amostra têm menos probabilidades de ter um contrato formal ou um acordo verbal, o que evidencia que uma proporção maior de mulheres jovens do que de homens trabalha no sector informal e/ou exerce um trabalho irregular (Figura 5).

Uma vez que o período que observamos para os inquiridos e as tendências ao longo do tempo podem estar associados a transições importantes da escola para o emprego para os jovens de ambos os sexos, também analisamos a actual inscrição escolar dos inquiridos e a sua situação de emprego. Reconhecendo que os inquiridos podem estar empregados e inscritos na escola ao mesmo tempo, a Figura 6 mostra a distribuição dos inquiridos pelas quatro combinações possíveis de ambos os indicadores em cada ronda do inquérito, tanto para os inquiridos do sexo masculino como para os do sexo feminino, separadamente. Essencialmente, estas figuras mostram como as taxas de emprego apresentadas na Figura 2 podem ser desagregadas quando se tem também em conta a situação actual de inscrição na escola dos inquiridos.

Estas figuras permitem retirar algumas conclusões importantes. Em primeiro lugar, tanto em 2017 como em 2020, e tanto entre os inquiridos do sexo masculino como do sexo feminino, era provável que os indivíduos estivessem simultaneamente empregados e a estudar: esta proporção varia entre

16-38% nos diferentes subgrupos e sublinha o facto de que, em Moçambique, a transição da educação para o trabalho é confusa e pode envolver tanto estar empregado como na escola ao mesmo tempo para muitos indivíduos. Em segundo lugar, no entanto, a proporção de inquiridos matriculados na escola, quer estejam empregados ao mesmo tempo ou não, cai de 2017 para 2020, tanto para homens como para mulheres, indicando que, de facto, este é um período em que muitos inquiridos deixam de estudar. Em terceiro lugar, o mais surpreendente é que os gráficos indicam que a proporção de homens que estavam empregados e não frequentavam a escola aumentou cerca de 20 pontos percentuais entre 2017 e 2020, aproximadamente o dobro do aumento registado entre as mulheres inquiridas (cerca de 10 pontos percentuais). Ao mesmo tempo, a proporção de inquiridos sem emprego e com frequência da escola diminuiu 17 pontos percentuais para os homens e 11 pontos percentuais para as mulheres. Do mesmo modo, a diminuição em pontos percentuais dos inquiridos com emprego e frequência da escola entre 2017 e 2020 é praticamente a mesma entre os inquiridos do sexo masculino e feminino. Em conjunto, isto indica que os homens parecem ter tido mais probabilidades de fazer a transição do ensino para o emprego do que as mulheres.

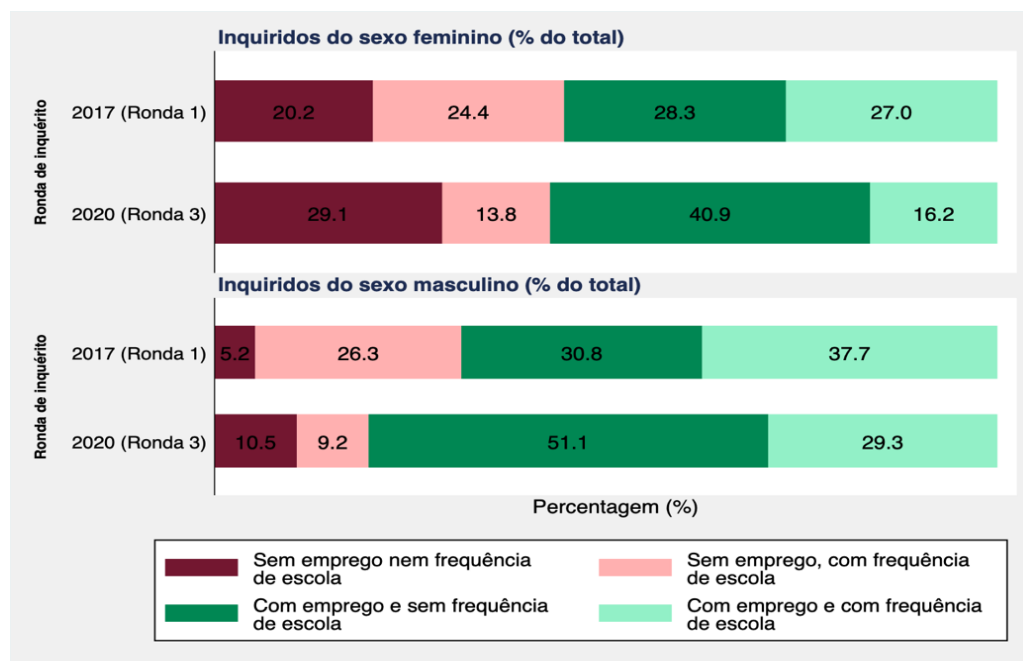
Figura 5: Tipo de contrato por sexo e ronda de inquérito



Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos

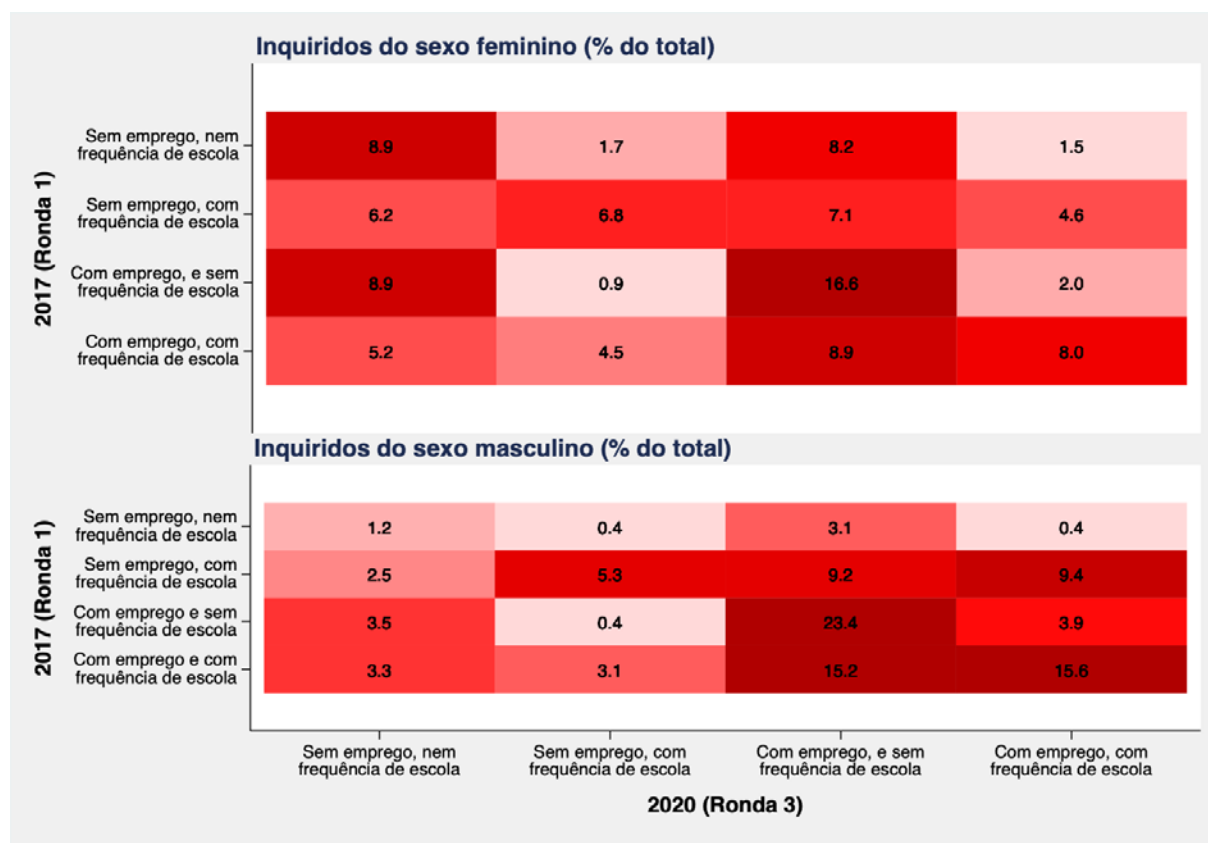


Figura 6: Emprego e transição escolar



Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

Figura 7: Transição da escola para o trabalho para inquiridos do sexo feminino e masculino



Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

Esta análise permite retirar três conclusões fundamentais. Em primeiro lugar, entre os inquiridos do sexo masculino, o quadrante inferior direito, composto pelas quatro células de indivíduos que

estavam empregados tanto em 2017 como em 2020, representa mais de 50% do total, o que significa que a maioria dos inquiridos do sexo masculino permaneceu empregada e transitou nas categorias de emprego entre o período de 2017-20.

Em segundo lugar, ainda entre os inquiridos do sexo masculino, 19% transitaram da situação de sem emprego e com frequência da escola para a situação de com emprego (painel masculino, segunda linha, duas células à direita). Cerca de metade destes (9%) já não frequentava a escola em 2020. As percentagens equivalentes entre as mulheres eram de 12% e 5%. Este facto confirma a conclusão de que os homens tinham mais probabilidades de transitar do ensino para o emprego do que as mulheres.

Em terceiro lugar, e para além das conclusões anteriores, a matriz de transição para as mulheres (painel superior) mostra que estas têm maior probabilidade de permanecer desempregadas (o quadrante superior esquerdo das células 'sem emprego' representa 24% do total, em comparação com 9% para os homens), mas também maior probabilidade de abandonar o emprego (o quadrante inferior esquerdo das quatro células que indicam esta transição representa 20% do total para as mulheres, em comparação com 10% para os homens). Curiosamente, as mulheres também eram mais susceptíveis de transitar para o emprego entre 2017-2020 se não estivessem empregadas, nem em 2017 (10% contra 5% para os homens).

Em conjunto, estas conclusões mostram que as tendências observadas na Figura 6 resultam do facto de, em média, as mulheres inquiridas terem tendência a considerar mais difícil a transição para o emprego entre 2017-2020, mesmo quando abandonam a escola, e que quaisquer ganhos no emprego que possam ser observados entre as mulheres foram contrabalançados pelo facto de também terem tendência a transitar para o desemprego mais facilmente do que os homens.

### *3.3.2 Características dos participantes no inquérito*

A Tabela3 apresenta uma visão geral das principais características dos jovens de ambos os sexos em cada ronda do inquérito, a forma como diferem entre esses dois grupos e como se alteram ao longo do tempo. Apresentamos a estimativa média de cada indicador, desagregada por ronda e género, em colunas designadas por (1), (2), (3) e (4). As alterações entre as rondas do inquérito para os homens são apresentadas na coluna (5). O equivalente para as mulheres é apresentado na coluna (6). A estimativa da diferença na diferença é apresentada na última coluna. Esta estimativa indica se as tendências ao longo do tempo variaram significativamente entre homens e mulheres. Descrevemos estas estatísticas centrando-nos primeiro nos níveis e na forma como se comparam entre homens e mulheres em cada ronda do inquérito. De seguida, discutimos as tendências ao longo do tempo para homens e mulheres. Numa última fase, analisamos a forma como estas tendências variam entre homens e mulheres.

Em primeiro lugar, em termos de níveis e diferenças entre homens e mulheres, os resultados da tabela mostram que, tanto em 2017 como em 2020, os jovens de ambos os sexos da nossa amostra são significativamente diferentes numa série de resultados: em ambas as rondas, os homens têm, em média, mais instrução, têm mais probabilidades de serem solteiros e de terem menos filhos do que as mulheres. Tanto em 2017 como em 2020, os homens jovens gastam, em média, mais de três horas a menos por dia em trabalho reprodutivo do que as mulheres jovens. É também mais provável que sejam capazes de tomar decisões sobre a sua actividade por si próprios. As mulheres têm muito menos probabilidades, em ambas as rondas, de utilizar frequentemente um computador. Também é menos provável que sejam membros de um grupo social na primeira ronda do inquérito, embora isso já não aconteça três anos mais tarde, em 2020. Em ambos os anos, homens e mulheres têm opiniões relativamente semelhantes sobre se os outros aprovariam a presença de mulheres na liderança. No entanto, em ambas as rondas, é menos provável que os homens

aprovem a presença de mulheres em cargos de chefia do que as mulheres. Conforme medido pela nossa tabela de indicadores de pobreza, as mulheres jovens vivem, em média, em agregados familiares relativamente mais pobres e têm maior probabilidade de viver em agregados familiares com uma maior proporção de membros do sexo feminino em relação ao masculino. No entanto, em ambas as rondas, homens e mulheres jovens vivem em agregados familiares com um número médio de membros semelhante. A idade média dos jovens de ambos os sexos nas duas rondas é igualmente comparável, embora a distribuição se altere ligeiramente. Em 2020, a proporção de mulheres mais jovens (15-18 anos) é ligeiramente superior à de homens mais jovens, ao passo que a proporção de homens com idades compreendidas entre os 19 e os 25 anos é ligeiramente inferior à de mulheres em 2020. Isto indica algum atrito seletivo, que analisamos na Secção 5.3.

No que respeita às tendências entre 2017 e 2020, tanto os homens como as mulheres melhoraram o seu nível de instrução à medida que envelheciam. Na segunda ronda, menos homens e mulheres são solteiros, enquanto o número de filhos aumentou significativamente em ambos os grupos. Ambos os grupos aumentaram o seu poder de decisão sobre os seus próprios movimentos, mas persiste a diferença entre homens e mulheres registada em 2017. Ambos os grupos são mais susceptíveis de pensar que os outros aprovam as mulheres na liderança em 2020, mas quase não mudaram as suas próprias opiniões. O índice de pobreza indicam que a riqueza dos agregados familiares, tanto para os homens como para as mulheres, diminuiu significativamente entre 2017 e 2020, enquanto a dimensão média dos agregados familiares aumentou e a proporção de mulheres nos seus agregados familiares diminuiu significativamente. No entanto, em alguns indicadores, as tendências entre homens e mulheres também diferem. As mulheres aumentaram significativamente o número de horas gastas em trabalho reprodutivo até 2020, enquanto o

Tabela 3: Características por género em cada ronda do inquérito e diferenças entre géneros e rondas

Indicador	2017 – Ronda 1					2020 – Ronda 3					Alteração de 2017 a 2020							
	Estimativa Homens		Estimativa Mulheres		Diferença	Estimativa Homens		Estimativa Mulheres		Diferença	Homens ((3)-(1))	Mulheres ((4)-(2))		Dupla Diferença				
	(1)	EP	(2)	EP	(2)-(1)	(3)	EP	(4)	EP	(4)-(3)	(5)	(6)	(6)-(5)					
Grau mais elevado concluído	9.21	0.11	8.81	0.10	-0.400	***	10.24	0.14	9.65	0.11	-0.585	***	1.025	***	0.84	***	-0.185	
Solteiro/a	0.94	0.01	0.72	0.02	-0.218	***	0.87	0.02	0.68	0.02	-0.187	***	-0.076	***	-0.045	***	0.031	*
Número de filhos ainda vivos	1.12	0.02	1.56	0.03	0.439	***	1.25	0.03	1.83	0.04	0.584	***	0.124	***	0.269	***	0.145	***
Número de horas gastas por dia em trabalho reprodutivo	1.86	0.09	5.02	0.14	3.159	***	2.01	0.10	5.56	0.15	3.548	***	0.149		0.539	***	0.39	**
Tomar decisões sobre os meus movimentos sozinho	0.59	0.02	0.31	0.02	-0.283	***	0.78	0.02	0.46	0.02	-0.321	***	0.183	***	0.145	***	-0.038	
Utiliza frequentemente um computador	0.44	0.02	0.19	0.02	-0.247	***	0.43	0.02	0.14	0.01	-0.290	***	-0.012		-0.054	***	-0.042	
Membro de um grupo social (excepto igreja)	0.30	0.02	0.23	0.02	-0.071	***	0.32	0.02	0.34	0.02	0.017		0.015		0.103	***	0.088	***
Os outros aprovam as mulheres na liderança	0.38	0.02	0.44	0.02	0.057	*	0.51	0.02	0.51	0.02	-0.004		0.131	***	0.07	***	-0.061	
Aprovaria a presença de mulheres na liderança	0.85	0.02	0.92	0.01	0.078	***	0.88	0.01	0.94	0.01	0.059	***	0.038	*	0.019		-0.019	
Índice de Pobreza Simples 2014/2015	48.14	0.72	45.65	0.57	-2.497	***	46.31	0.61	44.25	0.56	-2.062	***	-1.828	***	-1.393	***	0.435	
Idades	19.33	0.12	19.54	0.13	0.219		22.31	0.13	22.54	0.13	0.238		2.981	***	3	***	0.019	
15–18 anos	0.440	0.020	0.420	0.020	-0.018		0.08	0.01	0.12	0.01	0.042	**	-0.368	***	-0.307	***	0.061	**
19–25 anos	0.560	0.020	0.580	0.020	0.018		0.74	0.02	0.68	0.02	-0.066	**	0.187	***	0.102	***	-0.085	**
26–35 anos	0	0	0	0	0		0.18	0.02	0.20	0.02	0.024		0.181	***	0.205	***	0.024	
Dimensão do agregado familiar	5.84	0.13	5.90	0.11	0.057		6.40	0.13	6.42	0.12	0.026		0.555	***	0.525	***	-0.03	
Composição do agregado familiar: rácio entre os sexos	0.40	0.01	0.59	0.01	0.194	***	0.35	0.01	0.54	0.01	0.190	***	-0.049	***	-0.053	***	-0.004	
Número global de observações	<b>526</b>		<b>669</b>				<b>526</b>		<b>669</b>				<b>1,052</b>		<b>1,338</b>		<b>2,390</b>	

Nota: EP = Erro Padrão da estimativa média. Os asteriscos representam o nível de significância estatística do teste *t/qui-quadrado*-quadrado de diferença de médias: \*\*\* para  $p \leq 0,01$ ; \*\* para  $p \leq 0,05$ ; \* para  $p \leq 0,1$ . Os asteriscos nas colunas (5) e (6) indicam se a alteração das médias entre as rondas do inquérito para a subamostra de homens e mulheres, respectivamente, é significativa. O número global varia consoante o indicador; os números apresentados na última linha referem-se à amostra completa.

Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

número de horas gastas pelos homens em trabalho reprodutivo permaneceu estável. A proporção de inquiridos que utilizam frequentemente um computador diminuiu para ambos os grupos, mas de forma significativa apenas para as mulheres. Este facto pode estar relacionado com o local de utilização do computador e com as medidas de prevenção da COVID-19 que levaram ao encerramento das escolas em Moçambique entre Março de 2020 e Fevereiro de 2021. Em 2017, cerca de 40% dos jovens que utilizam frequentemente um computador referiram fazê-lo fora de casa. As mulheres jovens são mais propensas do que os homens a utilizar um computador na escola, enquanto os homens jovens são mais propensos a utilizá-lo em casa de outra pessoa (Arau et al. 2018). Por último, em contraste com os homens, as mulheres também aumentaram a sua participação em grupos sociais entre 2017-20.

A última coluna da Tabela3 indica que, com exceção das alterações diferenciais na composição dos grupos etários, estas tendências só variaram significativamente entre homens e mulheres em quatro casos. Em primeiro lugar, a proporção de mulheres solteiras diminuiu ligeiramente menos do que a proporção de homens solteiros. Como já foi referido, os homens tinham mais probabilidades de serem solteiros em ambas as rondas, o que significa que os dois grupos se assemelham mais neste indicador em 2020 do que em 2017. As mulheres aumentaram significativamente o número de filhos a um ritmo mais rápido do que os homens. Talvez por isso, também tiveram de aumentar significativamente mais do que os homens o tempo que dedicam ao trabalho reprodutivo. Em ambos os casos, isto significa que a diferença entre homens e mulheres, que já era grande e considerável em 2017, aumentou ainda mais. Em 2020, as mulheres despenderam, em média, 5,6 horas em trabalho reprodutivo e os homens apenas 2 horas. Por último, as mulheres recuperaram o atraso no que respeita à pertença a grupos sociais – a diferença registada em 2017 desapareceu em 2020. Juntamente com os resultados apresentados na Secção 3.3.1, estas diferenças nas tendências são uma boa indicação de como a vida dos jovens de ambos os sexos da nossa amostra mudou – de formas significativamente diferentes – durante o período abrangido pelo nosso inquérito. Embora algumas das alterações possam ser atribuídas a um efeito de ‘amadurecimento’, uma vez que a faixa etária dos inquiridos mudou de 15-25 anos na primeira ronda para 18-28 anos na terceira ronda, outras devem também ser interpretadas à luz das medidas e dos impactos da COVID-19 que este grupo sofreu em 2020.

## **4 Abordagem por estimativa**

O objectivo deste estudo é identificar os principais determinantes da diferença de género nos resultados do mercado de trabalho entre os jovens moçambicanos urbanos, tal como captados pelos dados do nosso inquérito e apresentados nas secções anteriores. A rica informação contida nestes dados permite-nos seguir duas abordagens: primeiro, uma estimativa orientada pela teoria, na qual incluímos potenciais determinantes com base na nossa revisão da literatura relevante apresentada na Secção 2. Em segundo lugar, uma abordagem baseada nos dados, em que permitimos que um algoritmo automatizado identifique os factores de previsão mais relevantes da disparidade entre homens e mulheres. Em seguida, comparamos e discutimos os resultados de ambas as abordagens por estimativa.

### **4.1 Análise teórica das disparidades entre homens e mulheres**

Aplicamos uma decomposição baseada em regressão da diferença de género nas mudanças no emprego entre 2017-20 utilizando variáveis que identificámos como relevantes na revisão da literatura. A análise de decomposição permite-nos avaliar se a diferença entre homens e mulheres é motivada por diferenças nas características ou nos coeficientes, ou seja, diferenças na resposta

comportamental a uma determinada característica. Além disso, podemos observar quais as características ou respostas que constituem os principais factores de diferença.

Num quadro de regressão de efeitos fixos, começamos por especificar que a probabilidade de estar empregado num dado momento depende linearmente de um conjunto de características observáveis de cada indivíduo e de um efeito fixo não observável e invariável no tempo:

$$P_{i,t}^g = \beta \mathbf{X}_{i,t}^g + \mu_i + \varepsilon_{i,t}. \quad (1)$$

Ou seja, a situação de emprego,  $P$ , do indivíduo  $i$  do género  $g$  ( $f$  para feminino,  $m$  para masculino) no período  $t$  (2017 ou 2020) depende de características individuais observáveis e variáveis no tempo,  $\mathbf{X}$ , de efeitos fixos individuais não observáveis,  $\mu_i$ , e de um termo de erro idiossincrático,  $\varepsilon$ . Começamos por calcular esta relação utilizando uma abordagem de regressão linear padrão de efeitos fixos, agrupando os erros padrão ao nível da área de enumeração a partir de 2017, que foi a unidade de amostragem primária original no nosso inquérito. Com apenas dois períodos de tempo, esta estimativa é equivalente a um modelo de primeira diferença. Ao incluir efeitos fixos individuais nesta configuração, controlamos quaisquer características não observáveis invariáveis no tempo que possam influenciar a mudança na situação laboral, como motivação ou capacidade, entre 2017-20. As nossas estimativas de coeficiente ( $\hat{\beta}$ ) refletem como as mudanças nas características observáveis estão associadas a uma mudança nos resultados de emprego entre os participantes do estudo. Calculamos essa relação separadamente para participantes do sexo masculino e feminino para identificar também as variáveis que importam para cada subgrupo em separado.

É importante reconhecer que, embora a inclusão de efeitos fixos individuais nesta estimativa nos permita controlar a endogeneidade devida a factores não observáveis e invariáveis no tempo, não ultrapassa o problema da potencial endogeneidade devida à causalidade inversa. Por exemplo, um aumento significativo da utilização de computadores pode estar associado a um aumento das taxas de emprego, porque a utilização de um computador pode favorecer as perspectivas de emprego de um indivíduo ou, em alternativa, simplesmente porque a obtenção de um novo emprego pode exigir uma maior utilização de computadores. Do nosso ponto de vista, isto implica uma interpretação cuidadosa dos nossos resultados – não implicando provas definitivas de relações causais, mas sim de associações – reconhecendo ao mesmo tempo que o controlo de factores não observáveis através da exploração da estrutura de painel dos nossos dados é uma melhoria definitiva em relação a outros estudos sobre a disparidade entre géneros no emprego que utilizam dados transversais, como por exemplo, Xiao (2020) e Gradín e Tarp (2019).

#### 4.1.1 Decomposição

Em seguida, para avaliar se as alterações nas características observáveis têm a mesma influência na situação laboral de homens e mulheres, aplicamos uma decomposição de Oaxaca-Blinder (1973). Enquanto a decomposição canónica emprega uma regressão linear para uma única secção transversal, temos duas rondas de um painel, o que significa que podemos explorar a variação ao longo do tempo, bem como a variação transversal, e aplicar a decomposição *depois* de tratar a componente de efeito fixo em (1). Para o fazer, basta tomar a primeira diferença do resultado e das características observáveis e, em seguida, efectuar a decomposição no conjunto resultante, em que  $\Delta$  representa a transformação de primeira diferença dos dados:

$$\Delta P_i^g = \beta \Delta \mathbf{X}_i^g + \Delta \varepsilon_i. \quad (2)$$

Expressa em expectativas condicionais, a variação da probabilidade de as mulheres (homens) estarem a trabalhar é definida como

$$\Delta P_i^g = E_{\beta^g}(\Delta P_i^g | \Delta \mathbf{X}_i^g). \quad (3)$$

Existem várias abordagens para especificar a decomposição. Neumark (2004) e Oaxaca e Ransom (1994) sugerem uma abordagem de amostragem conjunta que assume um vector de coeficientes não discriminatório subjacente,  $\beta^*$ , permitindo a discriminação (positiva e negativa) de ambos os grupos, homens e mulheres. A diferença de género no emprego,  $G$ , poderia então ser expressa da seguinte forma

$$G = \{E_{\beta^*}(\Delta P_i^f | \Delta \mathbf{X}_i^f) - E_{\beta^*}(\Delta P_{i,t}^m | \Delta \mathbf{X}_i^m)\} + \{E_{\beta^f}(\Delta P_{i,t}^m | \Delta \mathbf{X}_i^m) - E_{\beta^*}(\Delta P_{i,t}^m | \Delta \mathbf{X}_i^m)\} + \{E_{\beta^*}(\Delta P_{i,t}^m | \Delta \mathbf{X}_i^m) - E_{\beta^m}(\Delta P_{i,t}^m | \Delta \mathbf{X}_i^m)\}. \quad (4)$$

A primeira componente fornece a parte explicada da diferença de género. Por outras palavras, mede quanto da diferença se deve a diferenças nas alterações das características observáveis das mulheres e dos homens ( $\Delta \mathbf{X}_i^g$ ). Por exemplo, se relativamente mais homens jovens do que mulheres jovens aumentaram a sua educação entre as rondas do inquérito, isso poderia explicar por que razão relativamente mais homens jovens conseguiram um emprego. A segunda e a terceira parte representam a chamada componente ‘discriminação’, uma na perspectiva das mulheres e a outra na perspectiva dos homens. Medem em que medida a diferença se deve ao facto de a mesma alteração numa determinada característica estar associada a diferentes probabilidades condicionais de trabalhar. Por exemplo, se as mulheres jovens que adquirem um diploma do ensino secundário entre as rondas do inquérito têm menos probabilidades de também obter um emprego do que os homens jovens com a mesma educação adicional, tal não pode ser explicado pela sua igual mudança na educação. Em vez disso, tal pode dever-se a discriminação ou a outros factores não observados. Num modelo transversal simples, esses factores não observados poderiam conduzir à chamada componente ‘não explicada’ ou ‘discriminação’ da decomposição. Na nossa aplicação, podemos explorar a natureza de painel dos dados para ultrapassar esta preocupação e argumentar que os efeitos fixos (ou considerando primeiro as diferenças) absorvem pelo menos os factores não observados variáveis no tempo.

Na abordagem de estimativa, seguimos Jann (2008) e Elder et al. (2010), que sugerem que se deve incluir uma variável artificial na regressão agrupada para reduzir o enviesamento das variáveis omitidas. Como ilustram Elder et al. (2010), a não inclusão da variável artificial sobrestimaria o papel da componente explicada na decomposição. Para conciliar as várias opções de decomposição da diferença de emprego, a nossa análise principal aplicará a amostra combinada incluindo uma variável artificial de género. Aplicamos outras abordagens para avaliar a robustez dos resultados a outras especificações e apresentamos os resultados na secção sobre robustez. As principais conclusões não se alteram e as pequenas diferenças encontradas estão em consonância com as discussões de Lee (2015) e Elder et al. (2010).

Reconhecemos que a utilização do termo ‘discriminação’ pode sobrestimar o papel da discriminação efectiva contra as mulheres e subestimar o papel das preferências individuais (Neumark 2018; Oaxaca 2007). No entanto, também consideramos que estas últimas são moldadas por normas sociais e pelo ambiente cultural mais amplo que os indivíduos enfrentam, pelo que seria difícil separar totalmente as preferências da discriminação no mesmo domínio. Por exemplo, as decisões sobre as escolhas de fertilidade, ou a capacidade de tomar decisões relacionadas com isso, são provavelmente o resultado de ambas. Interpretamos cuidadosamente os resultados à luz desta ambiguidade. Além disso, alargamos a nossa análise através de uma abordagem baseada em

dados para ultrapassar alguns dos constrangimentos da utilização de variáveis pré-seleccionadas a partir de dados de observação.

#### 4.2 Selecção automatizada de co-variáveis utilizando LASSO

Dado o grande conjunto de potenciais co-variáveis que poderiam compor  $\mathbf{X}_i$ , implementamos também uma abordagem de selecção automática de co-variáveis, na qual permitimos que o conjunto inicial de co-variáveis seja significativamente maior do que na abordagem apresentada na secção anterior. Seguimos a abordagem sugerida em Belloni et al. (2016) para esta configuração de painel. Esta foi especificamente desenvolvida para identificar variáveis de relevância em contextos de elevada dimensão, ou seja, em situações em que existe um conjunto potencialmente grande de co-variáveis que podem ser utilizadas para explicar a variação no resultado de interesse. No nosso caso, como descrito na Secção 3.2.2, o nosso instrumento de inquérito inclui quase 200 perguntas que se traduzem em mais de 450 variáveis. Depois de implementar um conjunto de passos de gestão de dados descritos nessa secção, acabamos por ter um conjunto de 149 potenciais variáveis explicativas, entre as quais o LASSO nos permite seleccionar as relevantes. Ver Apêndice A3 para uma lista completa destas variáveis.

Mais especificamente, utilizamos a implementação desenvolvida para o Stata em Ahrens et al. (2020) para implementar regressões de efeitos fixos LASSO no nosso caso. Geralmente, uma regressão LASSO funciona através da resolução do chamado problema de ‘minimização penalizada’, no qual, ao contrário de uma regressão OLS padrão, não só a soma residual dos quadrados (RSS) é minimizada, mas a RSS é minimizada sujeita a um termo de penalização formado pela soma dos coeficientes estimados (Tibshirani 1996). Dependendo da penalização escolhida, isto induz a redução de alguns coeficientes para zero, ou seja, a remoção dessas variáveis do modelo. Assim, a escolha do nível de penalização correcto é crucial para que o LASSO tenha um bom desempenho. Belloni et al. (2016) adaptam este facto ao contexto de painel, mostrando que tal requer a especificação de duas cargas de penalização, em vez de apenas uma, como acontece no caso do OLS simples. Ahrens et al. (2020) mostram como podem ser escolhidos níveis de penalização ‘rigorosos’ orientados pela teoria para o caso do painel, que implementam no pacote ‘rlasso’ para Stata e que utilizamos aqui. É de referir que os autores sublinham que esta abordagem irá tipicamente apresentar soluções ‘esparsas’, ou seja, das muitas variáveis que estão incluídas no modelo, um pequeno subconjunto será escolhido por este LASSO rigoroso.

Isto significa que estimamos a equação (1) utilizando uma transformação de efeitos fixos e a abordagem LASSO descrita em Ahrens et al. (2020), com um conjunto inicial de  $p=149$  co-variáveis possíveis. Tal como anteriormente, agrupámos os erros padrão ao nível das áreas de enumeração e implementámos estas regressões no estudo em primeiro lugar para a subamostra masculina e feminina de participantes. Também implementámos uma regressão conjunta para podermos comparar os resultados.

No entanto, é importante salientar que estamos interessados não só em seleccionar o conjunto certo de variáveis predictoras para o nosso resultado de interesse (situação profissional), mas também em calcular a força desta relação, ou seja, realizar a inferência pós-selecção. É importante esclarecer que isto é diferente da inferência ‘clássica’ devido à natureza em duas etapas deste procedimento: o investigador procura relações importantes numa primeira etapa (por exemplo, utilizando LASSO) e, em seguida, pretende avaliar a força desta relação numa segunda etapa (por exemplo, utilizando valores de  $p$  numa regressão). No entanto, devido ao primeiro passo, em que já se ‘olhou’ para os dados, o limiar do que é significativo no segundo passo tem de ser adaptado. Existe literatura activa sobre como fazê-lo e Bachoc et al. (2019) e, mais recentemente, Zhang et al. (2022) fornecem uma visão geral. A nossa leitura desta literatura é que ela é, até agora, inconclusiva em termos de qual é a solução óptima para este problema. Por um lado, alguns autores



sugerem diferentes formas de corrigir os valores de inferência pós-selecção (intervalos de confiança, valores  $p$ ), por vezes dependendo do algoritmo de selecção exacto (Lee et al. 2016; Berk et al. 2013; Taylor e Tibshirani 2015). Por outro lado, outros autores afirmam que alguns métodos sugeridos são inválidos em alguns contextos (por exemplo, Bachoc et al. (2019) sobre Lee et al. (2016)) ou que uma abordagem ‘ingénua’ à inferência pós-selecção pode funcionar tão bem como outras abordagens sugeridas (Hannes Leeb et al. 2015; Zhao et al. 2017). Zhang et al. (2022) fornecem a primeira revisão abrangente que compara e discute sistematicamente diferentes abordagens. No nosso caso, realizamos uma inferência de pós-selecção ‘ingénua’ para os nossos resultados principais, seleccionando um limiar elevado de  $p = 0,01$  como mínimo para que algo seja estatisticamente significativo.

## 5 Resultados e discussão

### 5.1 Abordagem baseada na teoria

A Tabela 4 apresenta a estimativa de efeitos fixos da situação profissional dos participantes no inquérito, ou seja, de (1) acima especificada, para homens e mulheres separadamente. Apresentamos quatro especificações, acrescentando características adicionais em cada coluna. Os nossos principais resultados são estáveis em todas as especificações.<sup>7</sup> Embora não sejam muitas as características que parecem desempenhar um papel significativo, podemos observar algumas diferenças entre o papel que desempenham para as mulheres e para os homens. Em primeiro lugar, os jovens do sexo masculino que adquirem anos adicionais de educação também melhoram as suas perspectivas de emprego, e de forma bastante significativa, enquanto para as mulheres este factor não parece desempenhar qualquer papel. Do mesmo modo, o aumento da idade parece estar associado a uma maior probabilidade para os homens de trabalharem, mas não para as mulheres, o que confirma o que observámos nas estatísticas resumidas das transições da escola para o trabalho por grupo etário e sexo na Secção 3.3.

Para as mulheres jovens, por outro lado, três variáveis diferentes estão significativamente associadas à situação de emprego: em primeiro lugar, tornar-se membro de um grupo social, um indicador de capital social, está forte e significativamente associado a uma mudança positiva na situação de emprego. Em segundo lugar, um aumento do índice de pobreza, ou seja, uma redução da pobreza no agregado familiar em que vive, está significativa e positivamente associado ao emprego. Finalmente, o aumento das horas de trabalho reprodutivo (trabalho de cuidados, tarefas domésticas) está associado a uma queda significativa e grande na probabilidade de estar a trabalhar para as mulheres da nossa amostra. Nenhuma destas variáveis se revela significativa na especificação apenas para os homens.

A Tabela 5 apresenta os resultados da decomposição agrupada. Note-se que, neste caso, consideramos as alterações entre o período de referência e o período de acompanhamento, o que significa que estamos a estimar a decomposição com base nos dados primeiramente diferenciados, tal como especificado na Secção 4.1. Como mostra a Figura 2, entre 2017 e 2020, o emprego aumentou significativamente para os homens jovens, mas não para as mulheres, o que se reflecte numa diferença de género na probabilidade de emprego de 11,3 pontos percentuais, que reflecte as diferenças nas tendências identificadas na Figura 2.

---

<sup>7</sup> Note-se que também são robustos para especificações alternativas que verificam diferentes formas de testar a relevância das normas sociais prevaletentes relacionadas com a maternidade e a fertilidade. Ver Apêndice A2.

Tabela 4 Probabilidade de homens e mulheres jovens trabalharem, regressão de efeitos fixos

	Homens				Mulheres			
	(1) Empregados	(2) Empregados	(3) Empregados	(4) Empregados	(5) Empregadas	(6) Empregadas	(7) Empregadas	(8) Empregadas
Idade	0.024*	0.024*	0.026*	0.026*	0.011	0.013	0.008	0.007
	(0.012)	(0.012)	(0.012)	(0.011)	(0.012)	(0.011)	(0.012)	(0.012)
Grau mais elevado concluído	0.033**	0.034**	0.029**	0.029**	0.001	0.002	0.002	0.002
	(0.010)	(0.010)	(0.010)	(0.010)	(0.012)	(0.011)	(0.011)	(0.011)
Solteiro	-0.021	-0.020	-0.032	-0.033	0.029	0.011	0.027	0.031
	(0.075)	(0.077)	(0.077)	(0.078)	(0.101)	(0.099)	(0.100)	(0.099)
Número de filhos ainda vivos	0.030	0.036	0.039	0.040	-0.092	-0.070	-0.074	-0.073
	(0.051)	(0.053)	(0.055)	(0.055)	(0.058)	(0.058)	(0.058)	(0.058)
Dimensão do agregado familiar	0.003	0.002	-0.000	0.000	0.028	0.030	0.029	0.030
	(0.020)	(0.019)	(0.019)	(0.019)	(0.019)	(0.019)	(0.018)	(0.018)
Composição do agregado familiar: rácio entre os sexos	-0.035	-0.035	-0.032	-0.036	0.035	0.062	0.053	0.051
	(0.156)	(0.157)	(0.159)	(0.160)	(0.186)	(0.189)	(0.193)	(0.189)
Índice de Pobreza Simples 2014/2015	0.005	0.005	0.004	0.004	0.013***	0.012***	0.012***	0.012***
	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)
Número de horas dedicadas ao trabalho reprodutivo		-0.006	-0.007	-0.008		-0.026***	-0.021**	-0.022**
		(0.011)	(0.010)	(0.010)		(0.007)	(0.007)	(0.007)
Tomar decisões sobre os meus movimentos sozinho			0.012	0.013			-0.024	-0.023
			(0.041)	(0.041)			(0.041)	(0.040)
Utiliza frequentemente um computador			0.083	0.085			0.033	0.035
			(0.049)	(0.049)			(0.060)	(0.060)
Membro de um grupo social (excepto igreja)			0.046	0.043			0.155***	0.156***
			(0.041)	(0.042)			(0.043)	(0.044)
Os outros aprovam as mulheres na liderança				-0.017				-0.005
				(0.035)				(0.044)
Aprovaria a presença de mulheres na liderança				-0.040				0.075
				(0.053)				(0.071)
Observações	<b>961</b>	<b>961</b>	<b>959</b>	<b>959</b>	<b>1,227</b>	<b>1,227</b>	<b>1,223</b>	<b>1,223</b>

Notas: os erros padrão entre parênteses são agrupados ao nível da área de enumeração. Os asteriscos indicam o nível de significância: \* p<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001.

Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

Aparentemente, as diferenças nas características observáveis não podem explicar esta disparidade entre géneros. No entanto, o aumento diferencial do tempo despendido no trabalho reprodutivo é significativo e desfavorável às mulheres jovens, corroborando a literatura existente segundo a qual essas tarefas recaem desproporcionadamente sobre as mulheres e estão negativamente associadas às perspectivas de emprego. Do mesmo modo, o aumento diferencial da pertença a grupos sociais por parte das mulheres indica a importância do capital social ou da ligação social em relação ao emprego.

A diferença nas probabilidades condicionais, ou coeficientes, é grande e significativa. Esta é a chamada parte ‘discriminatória’ da disparidade entre homens e mulheres. Explica mais de 90% da disparidade entre géneros no emprego. Em pormenor, isto deve-se à ‘discriminação’ contra as mulheres jovens que adquirem educação adicional. Verificamos que, se as mulheres jovens da nossa amostra aumentassem o seu nível de educação da mesma forma que os homens jovens, continuavam a ter uma probabilidade significativamente menor de encontrar emprego.

Tabela 5: Decomposição da disparidade de género no emprego, amostra agregada incluindo variável artificial de género

Decomposição global	Amostra combinada	
	Estimativa	Erro Padrão
Mulheres	-0.002	(0.027)
Homens	0.111***	(0.028)
Diferença ( <i>disparidade entre géneros</i> )	-0.113**	(0.040)
Observáveis	-0.002	(0.012)
Discriminação	-0.111**	(0.040)
Decomposição detalhada		
<i>Observáveis</i>		
Mudança em Idade	0.000	(0.000)
Mudança em Grau mais elevado concluído	-0.004	(0.003)
Mudança em Número de horas gastas por dia em trabalho reprodutivo	-0.008†	(0.004)
Mudança em Solteiro	0.000	(0.002)
Mudança em Número de filhos ainda vivos	-0.004	(0.006)
Mudança em Tomar decisões sobre os meus movimentos sozinho	0.000	(0.001)
Mudança em Utiliza frequentemente um computador	-0.001	(0.002)
Mudança em Membro de um grupo social (excepto igreja)	0.012*	(0.005)
Mudança em Os outros aprovam as mulheres na liderança	0.000	(0.001)
Mudança em Aprovaria a presença de mulheres na liderança	-0.000	(0.000)
Mudança em Índice de Pobreza Simples 2014/2015	0.002	(0.005)
<i>Discriminação</i>		
Mudança em Idade	-0.050	(0.046)
Mudança em Grau mais elevado concluído	-0.028†	(0.016)
Mudança em Número de horas gastas por dia em trabalho reprodutivo	-0.003	(0.004)
Mudança em Solteiro	-0.006	(0.008)
Mudança em Número de filhos ainda vivos	-0.018	(0.014)
Mudança em Tomar decisões sobre os meus movimentos sozinho	-0.007	(0.010)

Mudança em Utiliza frequentemente um computador	0.002	(0.003)
Mudança em Membro de um grupo social (excepto igreja)	0.005	(0.004)
Mudança em Os outros aprovam as mulheres na liderança	0.003	(0.006)
Mudança em Aprovaria a presença de mulheres na liderança	0.002	(0.002)
Mudança em Índice de Pobreza Simples 2014/2015	-0.010	(0.006)
Observações	1,013	

Notas: os erros padrão entre parênteses são agrupados ao nível da área de enumeração. Os asteriscos indicam o nível de significância: †  $p < 0.1$ , \*  $p < 0.05$ , \*\*  $p < 0.01$ , \*\*\*  $p < 0.001$ .

Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

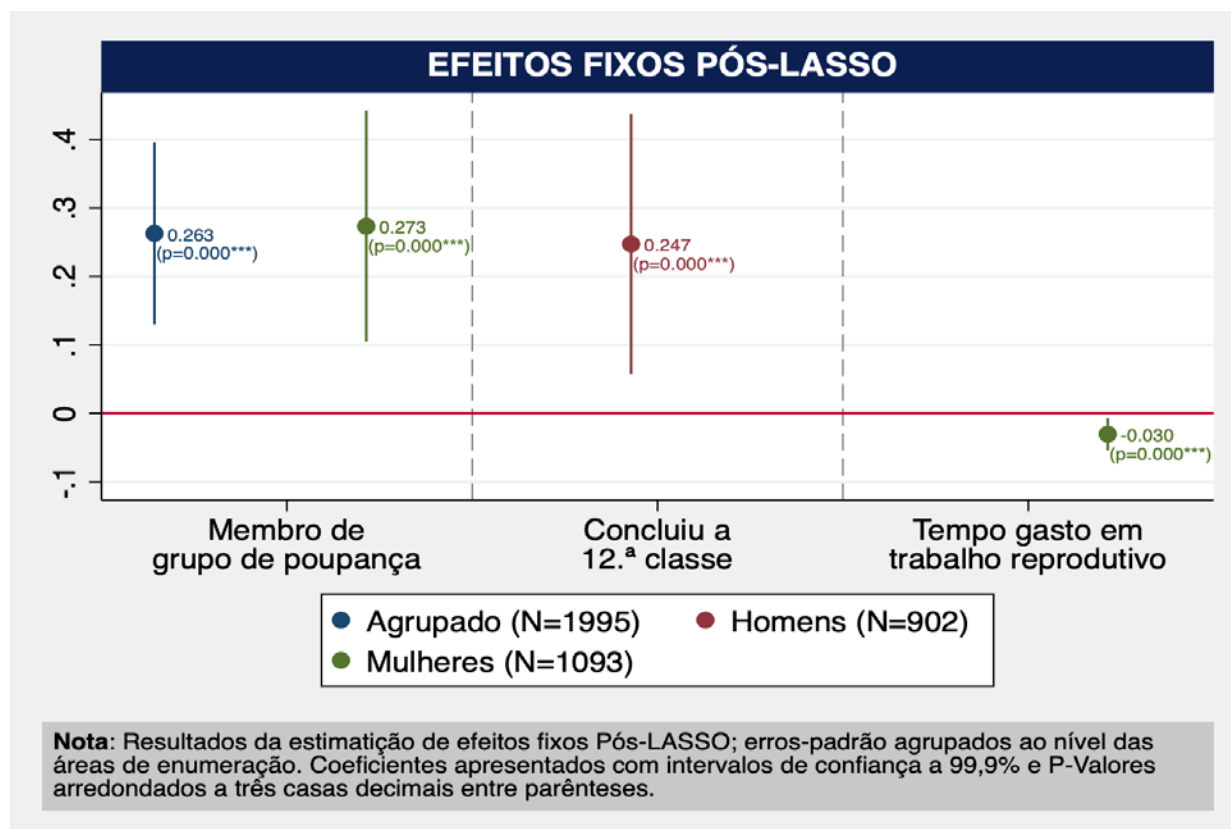
## 5.2 Resultados LASSO e pós-LASSO

Apresentamos os resultados da nossa análise de efeitos fixos pós-LASSO na Figura 8. Tal como mencionado na Secção 4.2, estes são os resultados das estimativas de efeitos fixos implementadas após LASSO ‘rigoroso’ que tem em conta tanto o agrupamento ao nível da área de enumeração como a estrutura de efeitos fixos da equação (1). Os resultados na figura abaixo mostram os coeficientes estimados das regressões de efeitos fixos pós-LASSO juntamente com – dadas as questões de inferência pós-selecção descritas na Secção 4.2 – grandes intervalos de confiança de 99,9%. Também apresentamos os valores  $p$ , arredondados a três casas decimais. No gráfico, apresentamos os resultados tanto para uma análise conjunta como para duas regressões separadas apenas para as subamostras masculina e feminina.

Os resultados podem ser resumidos da seguinte forma. Em primeiro lugar, como esperado, a abordagem LASSO rigorosa identifica apenas um pequeno subconjunto de co-variáveis como sendo factores de previsão relevantes para a situação de emprego. De facto, para a regressão combinada, a abordagem selecciona apenas um indicador da situação de emprego: ser membro de um grupo de poupança. A análise pós-LASSO indica que esta variável está significativa e positivamente relacionada com a situação de emprego dos participantes no inquérito. Este indicador também é seleccionado pelo LASSO e é altamente significativo na análise apenas para as mulheres. Além disso, no entanto, o LASSO selecciona o tempo despendido em trabalho reprodutivo na análise exclusivamente feminina, que está significativa e negativamente relacionado com a situação de emprego das mulheres. Por último, para a análise exclusivamente masculina, o LASSO selecciona novamente apenas uma variável como sendo relevante: se o participante no inquérito concluiu ou não a 12.<sup>a</sup> classe. A análise pós-LASSO indica que este indicador está significativa e positivamente relacionado com a situação de emprego dos homens.

De um modo geral, estas conclusões corroboram os resultados derivados da nossa abordagem teórica. Por um lado, a probabilidade de os homens terem um emprego está associada a habilitações académicas mais elevadas, o que não é o caso das mulheres. Por outro lado, existem fortes indícios de que as mulheres – mas não os homens – beneficiam do facto de se tornarem membros de um grupo social e, em particular, de grupos de poupança, o que parece ser o grupo que está na origem da relação significativa entre o indicador mais geral de ‘pertença a um grupo’ e o emprego na secção anterior. Do mesmo modo, a situação de emprego das mulheres está negativamente associada ao tempo que dedicam ao trabalho reprodutivo, o que não acontece com os homens, confirmando mais uma vez os resultados acima referidos.

Figura 8: Resultados de efeitos fixos pós-LASSO



Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

Duas relações significativas identificadas pela nossa análise teórica não são detectadas por esta análise: em primeiro lugar, a alteração dos valores do índice de pobreza, que as regressões de efeitos fixos identificam como sendo relevante para as mulheres; em segundo lugar, a variável idade, que as nossas regressões de efeitos fixos identificam como estando significativamente relacionada com a situação de emprego para a subamostra masculina. Ambas, no entanto, não são identificadas como factores significativos da disparidade entre géneros no emprego na nossa decomposição de Oaxaca-Blinder. Para ambas, interpretamos a inconclusividade da evidência como indicando que estas relações não são particularmente robustas e, por conseguinte, não podemos afirmar com confiança que estas variáveis estão a determinar ou estão associadas à situação de emprego dos jovens – sejam mulheres ou homens – na nossa amostra.

### 5.3 Robustez

#### 5.3.1 Atrito

Acompanhar os inquiridos da nossa amostra de base ao longo do tempo foi um desafio, uma vez que os jovens tendem a sair de casa quando se tornam adultos. Especialmente Maputo Cidade, muitos mudam-se para as áreas urbanizadas vizinhas. O nosso protocolo de seguimento durante o trabalho de campo instruiu os entrevistadores a tentar descobrir a nova morada daqueles que se tinham mudado e segui-los até lá, caso essa nova morada estivesse dentro das nossas áreas de amostragem originais. O raciocínio foi que estas áreas eram representativas dos pobres urbanos moçambicanos e que esta abordagem era viável dentro das restrições orçamentais do inquérito.

A Tabela 6 apresenta a média das características da linha de base da amostra principal contendo todos os indivíduos que foram rastreados com sucesso desde a linha de base até à Ronda 3 (coluna 1) e daqueles que foram incluídos na amostra mas não encontrados na Ronda 3 (coluna 2). A coluna 3 apresenta a diferença nas médias e os asteriscos indicam se esta diferença é estatisticamente significativa.

Observamos que, em média, as pessoas que abandonam o emprego têm mais probabilidades de serem mulheres ligeiramente mais velhas, com mais filhos, com mais poder de decisão sobre a sua própria mobilidade e com agregados familiares ligeiramente mais pequenos. Menos mulheres são solteiras. Isto pode enquadrar-se no perfil de mulheres jovens que se afastam do seu agregado familiar de base.

Tabela 6: Características dos indivíduos rastreados com êxito ou perdidos desde a linha de base até ao inquérito de acompanhamento

	(1)	(2)	(3)
	Média	Média	Diferença
	de Rastreados	de Perdidos	entre médias
Homens	44.02	38.40	-5.62*
Empregado	61.08	62.61	1.53
Grau mais elevado concluído	8.99	8.95	-0.04
Número de filhos ainda vivos	0.37	0.45	0.08*
Solteiro	82.09	76.29	-5.80**
Utiliza frequentemente um computador	29.87	32.39	2.51
Dedicação ao trabalho reprodutivo	84.44	86.48	2.04
Tomar decisões sobre os meus movimentos sozinho	43.50	49.25	5.74*
Os outros aprovam as mulheres na liderança	41.42	38.56	-2.86
Aprovaria a presença de mulheres na liderança	88.95	88.81	-0.14
Jovens do bairro aprovam a presença de mulheres na liderança	88.84	89.04	0.19
Membro de um grupo social (excepto igreja)	13.05	14.52	1.47
Idade	19.45	19.86	0.42**
Cidade	1.46	1.50	0.03
Dimensão do agregado familiar	5.87	5.36	-0.51***
Composição do agregado familiar: rácio entre os sexos	0.51	0.51	0.00
Índice de Pobreza Simples 2014/2015	46.74	47.57	0.83
Observações	1,195	599	1,794

Notas: os erros padrão entre parênteses são agrupados ao nível da área de enumeração. Os asteriscos indicam o nível de significância: \*  $p < 0.05$ , \*\*  $p < 0.01$ , \*\*\*  $p < 0.001$ .

Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

O perfil de atrito pode influenciar os nossos resultados, principalmente devido à sua influência no desequilíbrio entre os géneros da amostra. Se houver relativamente mais mulheres do que homens a abandonar a amostra, esta será mais ‘masculina’. Na nossa análise de decomposição, este facto pode influenciar o papel da componente explicada, uma vez que a amostra se assemelhará relativamente mais aos homens do que deveria e, por conseguinte, atribuirá mais influência a estas diferenças de género observáveis do que de outra forma; ver Elder et al. (2010).

Pode também influenciar a parte não explicada, subestimando o efeito ‘discriminatório’, uma vez que as mulheres que abandonaram a amostra podem tê-lo feito devido aos factores que identificamos na parte não explicada.

Tabela 7: Decomposição de Oaxaca-Blinder com a amostra principal e a amostra completa, abordagem agregada

	Proporção de mulheres reponderada		Probabilidade inversa ponderada	
	Estimativa	E.P.	Estimativa	E.P.
<i>Decomposição global</i>				
Mulheres	-0.002	(0.027)	-0.001	(0.028)
Homens	0.111***	(0.028)	0.123***	(0.029)
Diferença (disparidade entre géneros)	-0.113***	(0.040)	-0.124***	(0.040)
Observáveis	-0.002	(0.012)	0.000	(0.012)
Discriminação	-0.111***	(0.040)	-0.124***	(0.040)
<i>Observáveis</i>				
Mudança em Idade	0.000	(0.000)	-0.000	(0.000)
Mudança em Grau mais elevado concluído	-0.004	(0.003)	-0.005	(0.003)
Mudança em Número de horas gastas por dia em trabalho reprodutivo	-0.008*	(0.004)	-0.007	(0.004)
Mudança em Solteiro	0.000	(0.002)	0.001	(0.001)
Mudança em Número de filhos ainda vivos	-0.004	(0.006)	-0.005	(0.006)
Mudança em Tomar decisões sobre os meus movimentos sozinho	0.000	(0.001)	0.001	(0.002)
Mudança em Utiliza frequentemente um computador	-0.001	(0.002)	-0.002	(0.002)
Mudança em Membro de um grupo social (excepto igreja)	0.013**	(0.006)	0.014**	(0.006)
Mudança em Os outros aprovam as mulheres na liderança	0.000	(0.001)	0.000	(0.001)
Mudança em Aprovaria a presença de mulheres na liderança	0.000	(0.000)	0.000	(0.001)
Mudança em Índice de Pobreza Simples 2014/2015	0.002	(0.005)	0.002	(0.004)
<i>Discriminação</i>				
Mudança em Idade	-0.050	(0.046)	-0.053	(0.046)
Mudança em Grau mais elevado concluído	-0.028*	(0.016)	-0.031*	(0.017)
Mudança em Número de horas gastas por dia em trabalho reprodutivo	-0.003	(0.004)	-0.003	(0.004)
Mudança em Solteiro	-0.006	(0.008)	-0.009	(0.010)
Mudança em Número de filhos ainda vivos	-0.018	(0.013)	-0.021*	(0.013)
Mudança em Tomar decisões sobre os meus movimentos sozinho	-0.007	(0.010)	-0.010	(0.012)
Mudança em Utiliza frequentemente um computador	0.002	(0.003)	0.001	(0.002)
Mudança em Membro de um grupo social (excepto igreja)	0.005	(0.004)	0.006	(0.004)
Mudança em Os outros aprovam as mulheres na liderança	0.003	(0.006)	0.004	(0.006)
Mudança em Aprovaria a presença de mulheres na liderança	0.002	(0.002)	0.002	(0.002)
Mudança em Índice de Pobreza Simples 2014/2015	-0.010	(0.007)	-0.008	(0.006)
Observações	1,013		1,013	

Notas: os erros padrão entre parênteses são agrupados ao nível da área de enumeração. Os asteriscos indicam o nível de significância: \* p<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001.

Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

No entanto, para o nosso resultado principal, não podemos utilizar directamente uma amostra ‘sem atrito’. Em vez disso, podemos pensar num limite sensato para testar o quanto os nossos resultados mudam se assumirmos uma proporção relativamente maior de mulheres na amostra do que a actualmente observada (uma vez que a análise de atrito indicou que uma proporção maior de mulheres deixou a amostra). Podemos então reponderar as observações do sexo feminino na amostra para replicar a amostra ‘original’ sem atrito em termos da proporção de mulheres. Aplicando esta abordagem de reponderação ao nosso caso, a proporção de mulheres inquiridas aumenta de 56% para 62%, o que significa um aumento de um factor de 1,107. Assim, para a nossa primeira verificação de robustez, atribuímos a cada mulher na amostra da análise principal um peso de 1,107 e a cada homem um peso de 1 e voltamos a efectuar a análise. As colunas 1 e 2 da Tabela 7 apresentam os resultados da decomposição resultante. Observamos que os resultados permanecem quase idênticos aos nossos principais resultados da Tabela 5.

No entanto, isto ainda não tem em conta a diferença noutras características, como a liberdade de circulação ou o número de filhos, entre os indivíduos que permanecem na nossa amostra e os que abandonam a amostra entre a 1.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup> ronda. Estas características podem influenciar tanto o atrito como as disparidades entre géneros no emprego. Para corrigir esta situação, aplicámos uma abordagem de ponderação de probabilidade inversa. Em primeiro lugar, estimamos a probabilidade de ser um elemento de atrito com base nas características de base. De seguida, utilizamos o inverso da probabilidade prevista para todos como ponderação na análise de decomposição (Wooldridge 2002). A intuição é que o nosso objectivo é fazer com que a amostra se assemelhe mais à amostra de base originalmente recolhida, incluindo os elementos de atrito. Os resultados são apresentados nas colunas 3 e 4 da Tabela 5. Existem algumas pequenas diferenças na dimensão da disparidade entre géneros e na contribuição de cada característica significativa. Em primeiro lugar, a diferença de género no emprego é agora um pouco maior, com 12,4 pontos percentuais. O coeficiente relativo ao tempo dedicado ao trabalho reprodutivo deixou de ser significativo na nossa amostra reponderada, mas a discriminação para a educação mantém-se e o número de filhos entra agora de forma significativa. Com base no perfil de atrito apresentado na Tabela 6, os que abandonam a amostra têm maior probabilidade de serem mulheres e de terem mais filhos. Assim, o efeito ‘discriminatório’ contra ter mais filhos seria ainda maior se tivessem permanecido na amostra principal. O resultado relativo à educação está em consonância com as nossas conclusões da análise LASSO: os homens têm mais probabilidades de ter um emprego se tiverem um curso superior, ao passo que o mesmo não parece ser importante para as mulheres.

### *5.3.2 Decomposição: alterar o contrafactual na decomposição*

A Tabela 8 apresenta os resultados de três cenários contrafactuais diferentes para decompor as disparidades entre géneros no emprego, em comparação com os nossos resultados principais apresentados na Tabela 5. Este exercício também aborda a questão do enviesamento de atrito discutida acima. A parte superior do quadro apresenta a decomposição global da diferença na sua parte explicada e discriminatória. Não há diferença significativa em termos de estimativas entre estes diferentes cenários – quer consideremos um contrafactual mulheres (1) ou homens (2), ou um contrafactual agrupado (3) que exclui uma variável artificial de género. Todas as estimativas se situam a menos de um erro padrão umas das outras e das nossas principais conclusões. Tal como anteriormente, a componente discriminatória é a mais significativa nos diferentes modelos.

Analisando a decomposição pormenorizada, para os contrafactuais mulheres e homens, respectivamente, há que salientar as seguintes conclusões fundamentais. Em primeiro lugar, para o contrafactual mulheres, ou seja, se todos os homens enfrentassem as mesmas probabilidades condicionais que as mulheres, nenhuma das características observáveis é identificada como significativa. No entanto, na parte discriminatória, a pertença a um grupo social entra de forma significativa e positiva, o que significa que alterações semelhantes na pertença a um grupo social



estão mais significativamente relacionadas com o emprego das mulheres do que dos homens. Para o contrafactual homens, ou seja, se todas as mulheres enfrentassem as mesmas probabilidades condicionais que os homens, duas características observáveis são identificadas como significativas: alterações no número de horas gastas em trabalho reprodutivo e a alteração na pertença a um grupo social. O sinal do coeficiente de pertença ao grupo social é positivo, o que significa que aumentos nesta variável estão relacionados com aumentos no emprego das mulheres. Por outro lado, aumentos nas horas gastas em trabalho reprodutivo estão relacionados com diminuições no emprego das mulheres. Na parte discriminatória, apenas a educação entra de forma significativa e negativa e com um coeficiente maior do que no cenário contrafactual mulheres.

Tabela 8: Decomposição de Oaxaca-Blinder da probabilidade de trabalhar, contrafactual mulheres ou homens, amostra agrupada excluindo a variável sexo

	Coeficiente mulheres		Coeficiente homens		Amostra agrupada excl. sexo	
	(1)		(2)		(3)	
	Estimativa	EP	Estimativa	EP	Estimativa	EP
Decomposição global						
Mulheres	-0.002	(0.027)	-0.002	(0.027)	-0.002	(0.027)
Homens	0.111***	(0.028)	0.111***	(0.028)	0.111***	(0.028)
Diferença (disparidade entre géneros)	-0.113**	(0.040)	-0.113**	(0.040)	-0.113**	(0.040)
Observáveis	-0.002	(0.013)	0.004	(0.016)	-0.007	(0.012)
Discriminação	-0.110**	(0.039)	-0.117**	(0.041)	-0.105**	(0.038)
Decomposição detalhada						
<i>Observáveis</i>						
Mudança em Idade	0.001	(0.001)	0.000	(0.000)	0.000	(0.001)
Mudança em Grau mais elevado concluído	-0.008	(0.005)	-0.001	(0.003)	-0.004	(0.003)
Mudança em Número de horas gastas por dia em trabalho reprodutivo	-0.004	(0.005)	-0.009 <sup>†</sup>	(0.005)	-0.008 <sup>†</sup>	(0.005)
Mudança em Solteiro	-0.001	(0.003)	0.003	(0.003)	-0.000	(0.002)
Mudança em Número de filhos ainda vivos	0.006	(0.008)	-0.009	(0.008)	-0.006	(0.006)
Mudança em Tomar decisões sobre os meus movimentos sozinho	-0.001	(0.002)	0.001	(0.002)	0.000	(0.001)
Mudança em Utiliza frequentemente um computador	-0.002	(0.003)	-0.001	(0.002)	-0.001	(0.002)
Mudança em Membro de um grupo social (excepto igreja)	0.005	(0.005)	0.017*	(0.008)	0.011*	(0.005)
Mudança em Os outros aprovam as mulheres na liderança	0.001	(0.002)	0.000	(0.002)	0.000	(0.001)
Mudança em Aprovar a presença de mulheres na liderança	-0.000	(0.001)	0.000	(0.001)	-0.000	(0.000)
Mudança em Índice de Pobreza Simples 2014/2015	0.001	(0.003)	0.003	(0.007)	0.002	(0.005)
<i>Discriminação</i>						
Mudança em Idade	-0.051	(0.046)	-0.050	(0.046)	-0.051	(0.046)
Mudança em Grau mais elevado concluído	-0.024 <sup>†</sup>	(0.014)	-0.031 <sup>†</sup>	(0.018)	-0.028 <sup>†</sup>	(0.016)
Mudança em Número de horas gastas por dia em trabalho reprodutivo	-0.007	(0.008)	-0.001	(0.002)	-0.002	(0.004)
Mudança em Solteiro	-0.005	(0.006)	-0.009	(0.010)	-0.006	(0.008)
Mudança em Número de filhos ainda vivos	-0.028	(0.021)	-0.013	(0.010)	-0.016	(0.014)

Mudança em Tomar decisões sobre os meus movimentos sozinho	-0.006	(0.008)	-0.007	(0.011)	-0.007	(0.009)
Mudança em Utiliza frequentemente um computador	0.002	(0.004)	0.001	(0.002)	0.002	(0.003)
Mudança em Membro de um grupo social (excepto igreja)	0.013 <sup>†</sup>	(0.007)	0.000	(0.003)	0.006 <sup>†</sup>	(0.004)
Mudança em Os outros aprovam as mulheres na liderança	0.002	(0.005)	0.003	(0.007)	0.003	(0.006)
Mudança em Aprovaria a presença de mulheres na liderança	0.002	(0.002)	0.002	(0.003)	0.002	(0.002)
Mudança em Índice de Pobreza Simples 2014/2015	-0.009	(0.006)	-0.011	(0.007)	-0.010	(0.006)
Observações	1,013		1,013		1,013	

Notas: os erros padrão entre parênteses são agrupados ao nível da área de enumeração. Os asteriscos indicam o nível de significância: <sup>†</sup> p<0.1, \* p<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001.

Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

Por último, na coluna (3) apresentamos também a decomposição de uma amostra agrupada excluindo a variável artificial de género. Esta especificação é propensa a enviesamento de variáveis omitidas, sobrestimando a contribuição da componente explicada (Elder et al. 2010). No nosso caso, os resultados sugerem que a parte explicada (observável) permanece insignificante e, tal como nas outras estimativas, embora seja de facto maior em valores absolutos. Os resultados da decomposição pormenorizada são quase idênticos aos da nossa abordagem principal (amostra agrupada incluindo a variável artificial de género).

## 6 Conclusão e implicações nas políticas

Utilizamos um conjunto de dados longitudinais único que acompanha um grupo de jovens moçambicanos urbanos durante um período de três anos, entre 2017 e 2020, para analisar a forma como o seu emprego muda ao longo do tempo e, em particular, como as tendências variam entre os inquiridos do sexo masculino e do sexo feminino. Os nossos resultados mostram que os resultados do emprego diferem significativamente entre os jovens homens e mulheres no nosso inquérito e que estas diferenças aumentam de cerca de 13 pontos percentuais em 2017 para 23 pontos percentuais em 2020, um aumento grande e significativo de mais de 75%. A maior parte deste aumento deve-se ao aumento do emprego entre os homens do grupo mais jovem da nossa amostra (com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos em 2017). Além disso, os homens da nossa amostra transitam cada vez mais de alguma forma de escolaridade para o emprego, o que não acontece com as mulheres. Esta conclusão indica que as lacunas nos resultados do emprego entre homens e mulheres urbanos em Moçambique se materializam cedo nas suas vidas económicas e que essas lacunas tendem a aumentar ao longo do tempo, à medida que os jovens transitam para a idade adulta.

Os nossos resultados indicam que estas diferenças nas tendências das taxas de emprego podem ser explicadas, em parte, por diferenças observáveis nas vidas e características dos jovens, mas também, em maior medida, por diferenças na forma como o mercado de trabalho recompensa ou pune determinadas características, consoante se trate de um homem ou de uma mulher. Por exemplo, verificamos que o facto de pertencer a um grupo social – especialmente um grupo de poupança – está significativamente relacionado de forma positiva com o emprego para as mulheres, mas não para os homens. Além disso, encontramos provas muito fortes de que as mulheres jovens gastam significativamente mais tempo do que os homens no trabalho reprodutivo, que esta diferença aumenta ainda mais à medida que envelhecem e que este facto está

negativamente relacionado com as taxas de emprego das mulheres. Assim, é menos provável que as mulheres tenham um emprego ao longo do tempo, sendo também mais provável que passem mais tempo em tarefas domésticas ou a cuidar de crianças e familiares, em comparação com os homens. Para além disso, encontramos fortes indícios de que a obtenção de níveis de educação mais elevados – em especial a conclusão do ensino secundário – está significativa e positivamente relacionada com o emprego para os homens, mas não para as mulheres. Isto significa que a nossa análise indica que, mesmo que as mulheres alcançassem o mesmo nível de escolaridade que os homens, continuariam a ter menos probabilidades de ter um emprego, se tudo o resto se mantivesse igual. De facto, os resultados da nossa decomposição indicam que este efeito ‘discriminatório’ explica grande parte da divergência nas tendências de emprego entre homens e mulheres na nossa amostra. Do mesmo modo, Jones et al. (2020, 2021) concluem que mesmo as jovens moçambicanas das zonas urbanas com formação superior, como formação técnica/vocacional ou universitária, têm mais dificuldades em encontrar um emprego após a sua licenciatura do que os seus homólogos masculinos. Em conjunto, estes resultados indicam constrangimentos no lado da procura do mercado de trabalho moçambicano com, potencialmente, alguma discriminação contra as mulheres (jovens).

De um modo geral, estes resultados indicam que as lacunas de emprego entre os jovens nas zonas urbanas de Moçambique são parcialmente motivadas por normas que dominam a vida das mulheres jovens. Por um lado, espera-se que as mulheres jovens passem mais tempo no trabalho doméstico do que os homens, o que prejudica as suas perspectivas de emprego. Por outro lado, mesmo que alcancem níveis de educação semelhantes aos dos homens, não são recompensadas de forma semelhante aos homens por perspectivas de emprego positivas. Os nossos resultados estão em linha com Gradín e Tarp (2019), no que diz respeito ao importante papel da educação e das normas sociais para a disparidade entre géneros no emprego em Moçambique. As conclusões dão mais força ao argumento de organizações como o MUVA, que visam promover o empoderamento económico das mulheres e se esforçam por alcançar a paridade de género no emprego, não só melhorando as condições ‘observáveis’ das mulheres, por exemplo, trabalhando para que mais mulheres jovens frequentem a educação durante mais tempo, mas também concentrando-se nas normas sociais em torno da participação das mulheres na força de trabalho. É imperativo combater estas normas para alcançar os seus objectivos.

Reconhecemos que o nosso estudo tem algumas limitações que investigação futura poderia abordar. Primeiro, os nossos resultados não são representativos do Moçambique urbano em geral. Embora Beira e Maputo estejam entre as quatro maiores cidades do país de acordo com o censo de 2017, há grandes populações urbanas jovens noutras cidades também, como por exemplo Matola e Nampula. É possível, portanto, que as nossas percepções variassem se fossem conduzidas usando dados de inquéritos semelhantes desses locais. Em segundo lugar, a nossa análise principal apenas considerou o emprego global devido a preocupações com o tamanho da amostra, não diferenciando entre emprego assalariado, autoemprego e emprego não remunerado. É provável que os factores determinantes das disparidades de género possam variar consoante o tipo de emprego que se analisa. Em terceiro lugar, apesar da natureza longitudinal dos nossos dados, não conseguimos ultrapassar totalmente as preocupações com a endogeneidade. Algumas variáveis, como a utilização de computadores, podem resultar da situação de emprego e não ser o seu factor determinante. Investigação futura que recorra a abordagens experimentais poderá resolver estes problemas.

## Referências bibliográficas

- Ahrens, A., Hansen C.B., e Schaffer M.E. (2020). 'lassopack: Model selection and prediction with regularized regression in Stata'. *The Stata Journal*, 20(1): 176–235. <https://doi.org/10.1177/1536867X20909697>
- Allen, R., J. Bischler, J., e Jasper, P. (2020). Assessing Everyday Literacy and Numeracy Skills in Young Adults in Mozambique. *MUVA Technical Report*.
- Annan, J., Donald, A., Goldstein, M., Gonzalez Martinez, P., e Koolwal, G. (2019). 'Taking Power: Women's Empowerment and Household Well-Being in Sub-Saharan Africa'. Working Paper. World Bank. <https://doi.org/10.1596/1813-9450-9034>
- Antonio, A., e Tuffley, D. (2014). 'The Gender Digital Divide in Developing Countries'. *Future Internet*, 6(4): Article 4. <https://doi.org/10.3390/fi6040673>
- Arau, A., Bhalla, G., Bischler, J., Gronbaek, A., e Jasper, P. (2018). *MUVA Urban Youth Survey*. OPM. [https://muvamoz.co.mz/wp-content/uploads/2019/08/MUVA-Urban-Youth-Survey-Report\\_final.pdf](https://muvamoz.co.mz/wp-content/uploads/2019/08/MUVA-Urban-Youth-Survey-Report_final.pdf)
- Arsalan, A., Tschirley, D., Dolislager, M., Reardon, T., Fox, L., Liverpool-Tasie, L. S., e Christine, S. (2019). IFAD RESEARCH SERIES 43, 'Youth Agrifood System Employment in Developing Countries: A Gender-Differentiated Spatial Approach'. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3520554>
- Bachoc, F., Leeb, H., e Pötscher, B.M. (2019). 'Valid confidence intervals for post-model-selection predictors'. *Annals of Statistics*, 47(3): 1475–504. <https://doi.org/10.1214/18-AOS1721>
- Bahia, K., Castells, P., Cruz, G., Masaki, T., Rodríguez-Castelán, C., e Sanfelice, V. (2021). 'Mobile Broadband Internet, Poverty and Labor Outcomes in Tanzania', (SSRN Scholarly Paper ID 3921510). Social Science Research Network. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3921510>
- Bandiera, O., Elsayed, A., Smurra, A., e Zipfel, C. (2022). 'Young Adults and Labor Markets in Africa'. *Journal of Economic Perspectives*, 36(1): Article 1. <https://doi.org/10.1257/jep.36.1.81>
- Becker, G.S. (1962). 'Investment in Human Capital: A Theoretical Analysis. In Investment in Human Beings', *Journal of Political Economy*, Vol. LXX, No. 5, Part 2: 9–49). <https://doi.org/10.1086/258724>
- Behrman, J., e Gonalons-Pons, P. (2020). 'Women's employment and fertility in a global perspective (1960–2015)', *Demographic Research*, 43: 707–44. <https://doi.org/10.4054/DemRes.2020.43.25>
- Belloni, A., Chernozhukov, V., Hansen, C., e Kozbur, D. (2016). 'Inference in High-Dimensional Panel Models with an Application to Gun Control', *Journal of Business and Economic Statistics*, 34(4): 590–605. <https://doi.org/10.1080/07350015.2015.1102733>
- Berk, R., L. Brown, A. Buja, K. Zhang, e L. Zhao (2013). 'Valid post-selection inference', *The Annals of Statistics*, 41(2): 802–37. <https://doi.org/10.1214/12-AOS1077>
- Bloom, D. E., Canning, D., e Sevilla, J. (2003). 'The demographic dividend: A new perspective on the economic consequences of population change'. Rand. <https://doi.org/10.7249/MR1274>
- Bongaarts, J., Blanc, A. K., e McCarthy, K. J. (2019). 'The links between women's employment and children at home: Variations in low- and middle-income countries by world region', *Population Studies*, 73(2): 149–63. <https://doi.org/10.1080/00324728.2019.1581896>
- Boserup, E., Tan, S.F., e Toulmin, C. (2013). *Women's Role in Economic Development*. Abingdon-on-Thames: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315065892>
- Boudet, A.M.M., Petesch, P., e Turk, C. (2013). *On norms and agency: Conversations about gender equality with women and men in 20 countries*. Washington DC: World Bank Publications.
- Cazes, S., e Verick, S. (2013). *The labour markets of emerging economies: Has growth translated into more and better jobs?* London: Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1057/9781137325358>

- Chakraborty, T., Mukherjee, A., Rachapalli, S. R., e Saha, S. (2018). ‘Stigma of sexual violence and women’s decision to work’, *World Development*, 103: 226–38. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2017.10.031>
- Chari, A. V., Heath, R., Maertens, A., e Fatima, F. (2017). ‘The causal effect of maternal age at marriage on child wellbeing: Evidence from India’, *Journal of Development Economics*, 127: 42–55. <https://doi.org/10.1016/j.jdeveco.2017.02.002>
- Charmes, J. (2019). *The Unpaid Care Work and the Labour Market. An analysis of time use data based on the latest World Compilation of Time-use Surveys*. International Labour Office: Geneva.
- Clark, S., Kabiru, C.W., Laszlo, S., e Muthuri, S. (2019). ‘The Impact of Childcare on Poor Urban Women’s Economic Empowerment in Africa’, *Demography*, 56(4): 1247–72. <https://doi.org/10.1007/s13524-019-00793-3>
- Doepke, M., Hannusch, A., Kindermann, F., e Tertilt, M. (2022). ‘The Economics of Fertility: A New Era’. NBER Working Paper 29948. <https://doi.org/10.3386/w29948>
- Egger, E.-M., Arslan, A., e Zucchini, E. (2021). ‘Does connectivity reduce gender gaps in off-farm employment? Evidence from 12 low- and middle-income countries’ WIDER Working Paper 3/2021 UNU-WIDER. <https://doi.org/10.35188/UNU-WIDER/2021/937-2>
- Elder, T.E., Goddeeris, J.H., e Haider, S. J. (2010). ‘Unexplained gaps and Oaxaca–Blinder decompositions’, *Labour Economics*, 17(1): 284–90. <https://doi.org/10.1016/j.labeco.2009.11.002>
- Eyike Mbongo, L. de B. (2019). ‘ICT diffusion and employment in Africa’. *Economics Bulletin*, 39(1): 521–32.
- Field, E., Jayachandran, S., e Pande, R. (2010). ‘Do traditional institutions constrain Mulheres entrepreneurship? A field experiment on business training in India’, *American Economic Review*, 100(2): 125–29. <https://doi.org/10.1257/aer.100.2.125>
- Filmer, D., e Fox, L. (2014). *Youth employment in sub-Saharan Africa*. Washington, DC: World Bank Publications. <https://doi.org/10.1596/978-1-4648-0107-5>
- Fox, L. (2019). ‘Economic participation of rural youth: What matters?’, IFAD RESEARCH SERIES 46. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3521170>
- Gaddis, I., e Klasen, S. (2014). ‘Economic development, structural change, and women’s labor force participation’, *Journal of Population Economics*, 27(3): 639–81. <https://doi.org/10.1007/s00148-013-0488-2>
- Gaddis, I., Oseni, G., Palacios-Lopez, A., e Pieters, J. (2020). ‘Who Is Employed? Evidence from Sub-Saharan Africa on Redefining Employment’, *Journal of African Economies*. <https://doi.org/10.1093/jae/ejac021>
- Galor, O., e Weil, D.N. (1996). ‘The Gender Gap, Fertility, and Growth’. *The American Economic Review*, 86(3): 374–87.
- Goldin, C. (1995). ‘Investment in Women’s Human Capital and Economic Development’. In T.P. Schultz (ed) *Investment in Women’s Human Capital*. Chicago: University of Chicago Press.
- Gradín, C., e Tarp, F. (2019). ‘Gender Inequality in Employment in Mozambique’, *South African Journal of Economics*, 87(2): 180–99. <https://doi.org/10.1111/saje.12220>
- Hannes, L., B.M. Pötscher, e K. (2015). ‘On Various Confidence Intervals Post-Model-Selection’, *Statistical Science*, 30(2): 216–27. <https://doi.org/10.1214/14-STS507>
- Hjort, J., e Poulsen, J. (2019). ‘The Arrival of Fast Internet and Employment in Africa’, *American Economic Review*, 109(3): 1032–79. <https://doi.org/10.1257/aer.20161385>
- Idowu, O.O., e Owoeye, T. (2019). ‘Mulheres Labour Force Participation in African Countries: An Empirical Analysis’, *Indian Journal of Human Development*, 13(3): 278–93. <https://doi.org/10.1177/0973703019895234>

- IFAD (2019). *Creating opportunities for rural youth*. IFAD 2019 Rural Development Report. [https://www.ifad.org/documents/38714170/41190221/RDR2019\\_Overview\\_e\\_W.pdf/699560f2-d02e-16b8-4281-596d4c9be25a](https://www.ifad.org/documents/38714170/41190221/RDR2019_Overview_e_W.pdf/699560f2-d02e-16b8-4281-596d4c9be25a)
- ILO (1982). *Resolution Concerning Statistics of the Economically Active Population, Employment, Unemployment and Underemployment*, Adopted by the Thirteenth International Conference of Labour Statisticians. October. Geneva: ILO.
- ILO (2013). Resolution Concerning Statistics of Work, Employment and Labour Underutilization. Geneva: ILO. [http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---stat/documents/normativeinstrument/wcms\\_230304.pdf](http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---stat/documents/normativeinstrument/wcms_230304.pdf)
- Jann, B. (2008). ‘The Blinder–Oaxaca Decomposition for Linear Regression Models. *The Stata Journal*, 8(4): 453–479. <https://doi.org/10.1177/1536867X0800800401>
- Jayachandran, S. (2020). Social Norms as a Barrier to Women’s Employment in Developing Countries (SSRN Scholarly Paper ID 3637751). Social Science Research Network. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3637751>
- Jones, S., Santos, R., e Xirinda, G. (2020). *Final report on the survey on the education-employment transitions of university finalists*. Relatório Final do Inquérito à Transição Ensino-Emprego dos Finalistas Universitários. UNU-WIDER, University of Copenhagen, University of Eduardo Mondlane.
- Jones, S., Santos, R., e Xirinda, G. (2021). Survey on the school-to-work transition of technical and vocational training graduates in Mozambique. Final report. Helsinki: UNU-WIDER.
- Kabeer, N. (2008). ‘Paid work, women’s empowerment and gender justice: Critical pathways of social change’. Monograph No. 3. Institute of Development Studies. <http://www.pathwaysofempowerment.org/>
- Klasen, S. (1999). ‘Does gender inequality reduce growth and development: Evidence from cross-country regressions’. <https://doi.org/10.5282/UBM/EPUB.1602>
- Klasen, S. (2019). ‘What Explains Uneven Mulheres Labor Force Participation Levels and Trends in Developing Countries?’, *World Bank Research Observer*, 34(2): 161–197. <https://doi.org/10.1093/wbro/lkz005>
- Klasen, S., e Lamanna, F. (2009). ‘The Impact of Gender Inequality in Education and Employment on Economic Growth: New Evidence for a Panel of Countries’. *Feminist Economics*, 15(3): 91–132. <https://doi.org/10.1080/13545700902893106>
- Lee, B.S., Jang, S., e Sarkar, J. (2008). ‘Women’s labor force participation and marriage: The case of Korea’. *Journal of Asian Economics*, 19(2): 138–154. <https://doi.org/10.1016/j.asieco.2007.12.012>
- Lee, M.-J. (2015). ‘Reference parameters in Blinder-Oaxaca decomposition: Pooled-sample versus intercept-shift approaches’, *Journal of Economic Inequality*, 13(1): 69–82. <https://doi.org/10.1007/s10888-014-9293-8>
- Lee, J.D., DL. Sun, Yuekai Sun, e Jonathan E. Taylor. (2016). ‘Exact post-selection inference, with application to the lasso’, *The Annals of Statistics*, 44(3): 907–27. <https://doi.org/10.1214/15-AOS1371>
- Mariara, J., McKay, A., Newell, A., e Rienzo, C. (2018). ‘Gender gaps in the path to adulthood for young females and males in six African countries from the 1990s to the 2010s’, *IZA Journal of Development and Migration*, 8(1): Article 1. <https://doi.org/10.1186/s40176-018-0124-8>
- Maxwell, N. L., e Wozny, N. (2021). ‘Gender Gaps in Time Use and Labor Market Outcomes: What’s Norms Got to Do with it?’, *Journal of Labor Research*, 42(1): 56–77. <https://doi.org/10.1007/s12122-020-09306-3>
- Mincer, J.A. (1974). *Schooling and Earnings*. In *Schooling, Experience, and Earnings*. NBER. <https://www.nber.org/books-and-chapters/schooling-experience-and-earnings/schooling-and-earnings>.
- Neumark, D. (2004). Employers’ discriminatory behavior and the estimation of wage Discriminação. In *Sex Differences in Labor Markets*. Abingdon-on-Thames: Routledge.

- Neumark, D. (2018). 'Experimental Research on Labor Market Discriminação', *Journal of Economic Literature*, 56(3): Article 3. <https://doi.org/10.1257/jel.20161309>
- Nikulin, D. (2017). 'The Impact of ICTs on Women's Economic Empowerment' In H. Kaur, E. Lechman, e A. Marszk (eds) *Catalyzing Development through ICT Adoption: The Developing World Experience*. New York: Springer. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-56523-1\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-319-56523-1_2)
- Oaxaca, R.L. (1973). Homens-Mulheres Wage Differentials in Urban Labor Markets. *International Economic Review*, 14, 693–709. <https://doi.org/10.2307/2525981>
- Oaxaca, R.L. (2007). 'The challenge of measuring labor market Discriminação against women', *Swedish Economic Policy Review*, 14(1): Article 1.
- Oaxaca, R.L., e Ransom, M.R. (1994). 'On Discriminação and the decomposition of wage differentials', *Journal of Econometrics*, 61(1): 5–21. [https://doi.org/10.1016/0304-4076\(94\)90074-4](https://doi.org/10.1016/0304-4076(94)90074-4)
- Perez-Alvarez, M., e Favara, M. (2020). 'Early Motherhood and Offspring Human Capital in India', CSAE Working Paper Series No. 2020/15. Centre for the Study of African Economies, University of Oxford. <https://ideas.repec.org/p/csa/wpaper/2020-15.html>.
- Quisumbing, A.R. (2003). Household decisions, gender, and development: A synthesis of recent research. Household Decisions, Gender, and Development: A Synthesis of Recent Research. <https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/20043095514>.
- Rebollo-Sanz, Y.F., e Rica, S. de la. (2020). 'From gender gaps in skills to gender gaps in wages: Evidence from PIAAC', Working Paper 20.09. Universidad Pablo de Olavide, Department of Economics. <https://ideas.repec.org/p/pab/wpaper/20.09.html>.
- Schreiner, M. (2017). Simple Poverty Scorecard® Poverty-Assessment Tool, Urban Maputo and Beira. MUVA MEL Team and Mark Schreiner.
- Schultz, T.W. (1961). 'Investment in Human Capital', *American Economic Review*, 51(1): 1–17.
- Siddique, Z. (2018). 'Violence and Mulheres labor supply', IZA Discussion Paper No. 11874. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3273713>
- Taylor, J., e Tibshirani, R.J. (2015). *Statistical learning and selective inference*. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 112(25): 7629. <https://doi.org/10.1073/pnas.1507583112>
- Tibshirani, R. (1996). 'Regression shrinkage and selection via the lasso', *Journal of the Royal Statistical Society: Series B (Methodological)*: 58(1): 267–88. <https://doi.org/10.1111/j.2517-6161.1996.tb02080.x>
- Tshukudu, M. (2019). 'Impacts of Access to ICTs on Employment Status in Botswana', Working Paper No. 68. Botswana Institute for Development Policy Analysis. <https://EconPapers.repec.org/RePEc:bid:wpaper:68>.
- Valberg, S. (2020). 'ICT, Gender, and the Labor Market: A Cross-Country Analysis'. In D. Maiti, F. Castellacci, e A. Melchior (eds) *Digitalisation and Development: Issues for India and Beyond*. New York: Springer. [https://doi.org/10.1007/978-981-13-9996-1\\_15](https://doi.org/10.1007/978-981-13-9996-1_15)
- Verick, S. (2014). 'Mulheres labor force participation in developing countries', *IZA World of Labor*. <https://doi.org/10.15185/izawol.87>
- Viollaz, M., e Winkler, H. (2021). 'Does the Internet Reduce Gender Gaps? The Case of Jordan', *Journal of Development Studies*, 0(0): 1–18. <https://doi.org/10.1080/00220388.2021.1965127>
- Wooldridge, J.M. (2002). 'Inverse probability weighted M-estimators for sample selection, attrition, and stratification', *Portuguese Economic Journal*, 1(2): 117–39. <https://doi.org/10.1007/s10258-002-0008-x>
- Xiao, S., e Asadullah, M.N. (2020). 'Social Norms and Gender Differences in Labor Force Participation in China'. *Feminist Economics*, 26(4): 114–48. <https://doi.org/10.1080/13545701.2020.1758337>
- Zhang, D., Khalili, A., e Asgharian, M. (2022). 'Post-model-selection inference in linear regression models: An integrated review', *Statistics Surveys*, 16: 86–136. <https://doi.org/10.1214/22-SS135>

Zhao, S., Witten, D., e Shojaie, A. (2017). 'In Defense of the Indefensible: A Very Naive Approach to High-Dimensional Inference', arXiv. <https://doi.org/10.48550/ARXIV.1705.05543>



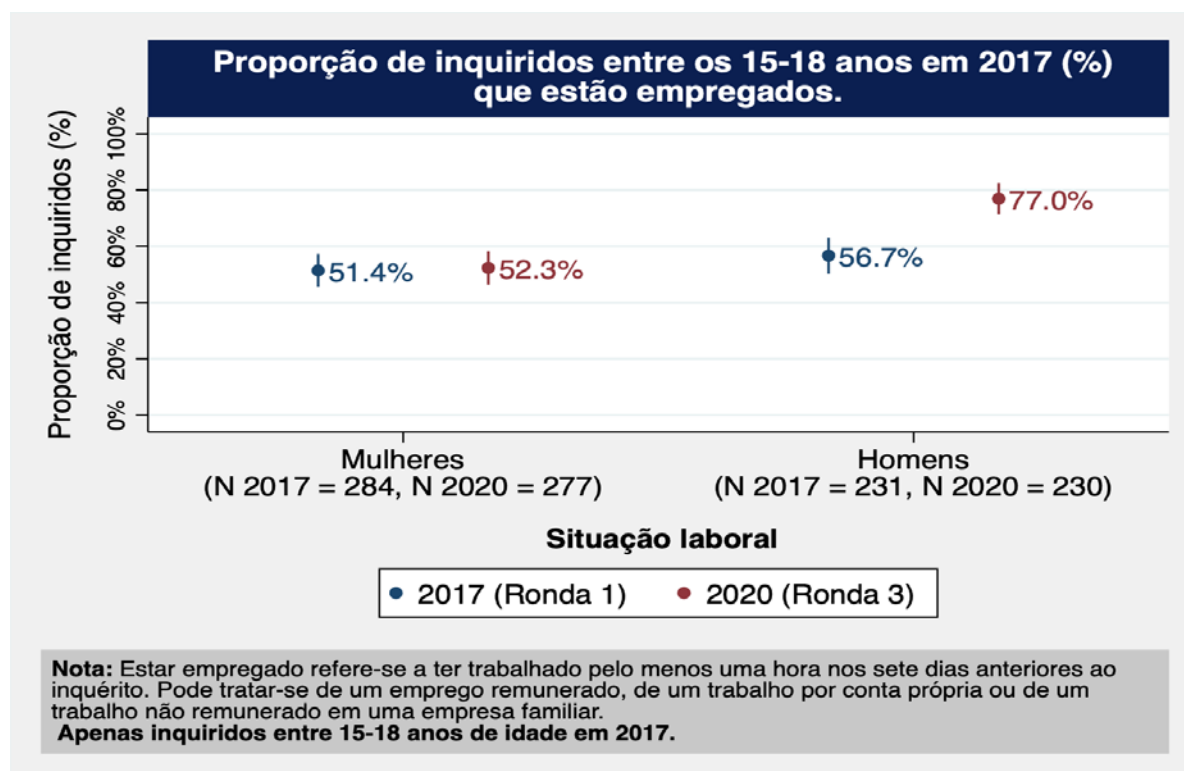
## Apêndices

### A1: Disparidade no emprego por categorias etárias

Para fornecer mais algumas informações de base sobre a transição de emprego que os inquiridos experimentaram entre 2017 e 2020, desagregamos os resultados apresentados na Figura 2 consoante os inquiridos tinham 15-18 anos em 2017 (Figura 9) ou 19-25 (Figura 10). O principal objectivo desta análise é avaliar se as tendências gerais apresentadas na nossa análise principal variam consoante o grupo etário.

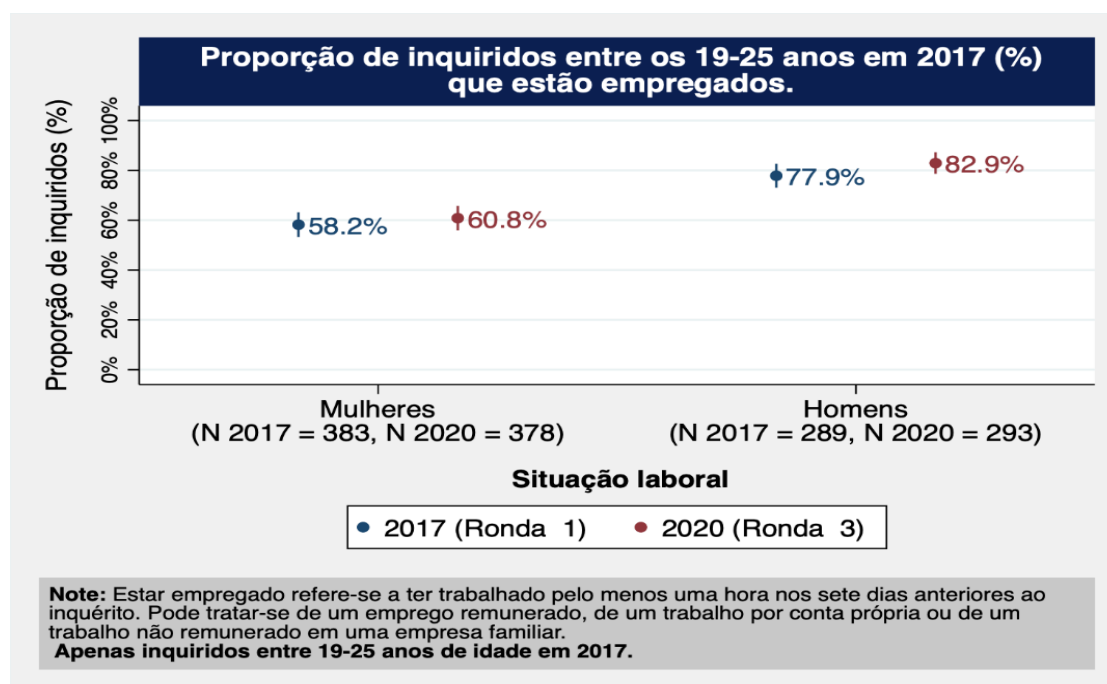
Os números abaixo mostram que, de um modo geral, as principais tendências observadas se mantêm: as disparidades entre géneros no emprego aumenta para ambos os grupos etários ao longo do tempo, embora este aumento varie em termos de dimensão. Para o grupo etário mais jovem (15-18 anos de idade em 2017), a diferença aumenta de um valor insignificante de 5% para 25%, ou seja, vinte pontos percentuais. Para o grupo etário mais velho (19-25 anos em 2017), aumenta de 20% para 22%, ou seja, apenas dois pontos percentuais. Essencialmente, a maior parte do aumento da disparidade entre géneros observado na análise agregada da Secção 3.3.1 é impulsionada por alterações na situação de emprego entre os homens do grupo etário mais jovem, que alcançam os seus pares mais velhos. O mesmo não se aplica às mulheres inquiridas no nosso estudo.

Figura 9: Taxa de emprego das mulheres e dos homens jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos em 2017, por ronda de inquérito (%)



Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

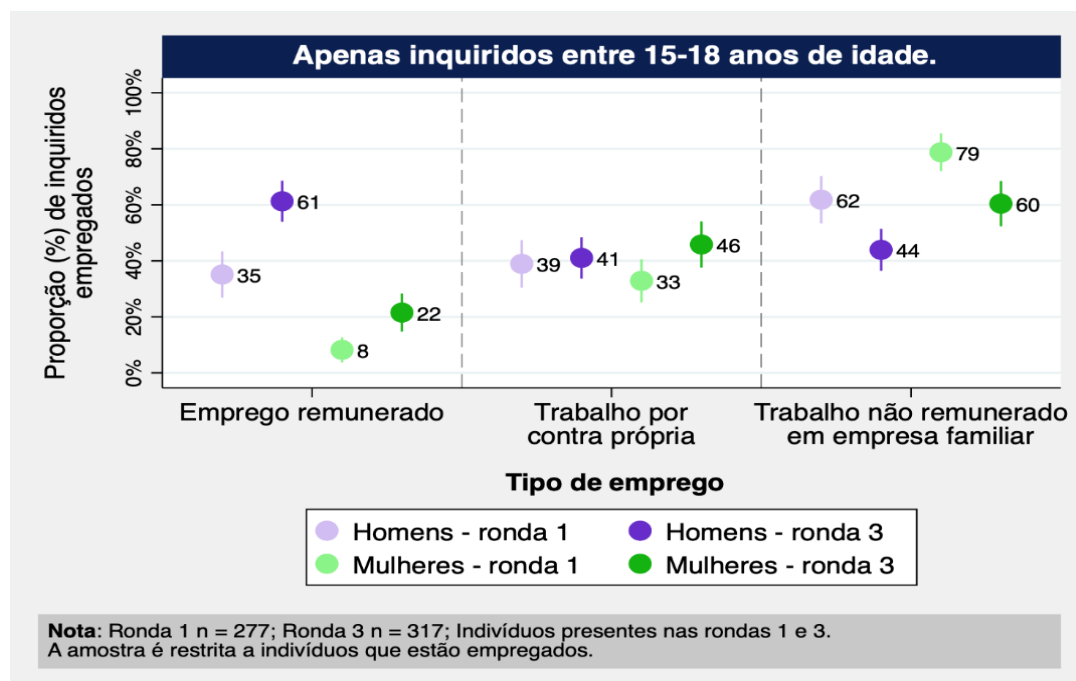
Figura 10: Taxa de emprego das mulheres e dos homens jovens com idades compreendidas entre os 19 e os 25 anos em 2017, por ronda do inquérito (%)



Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

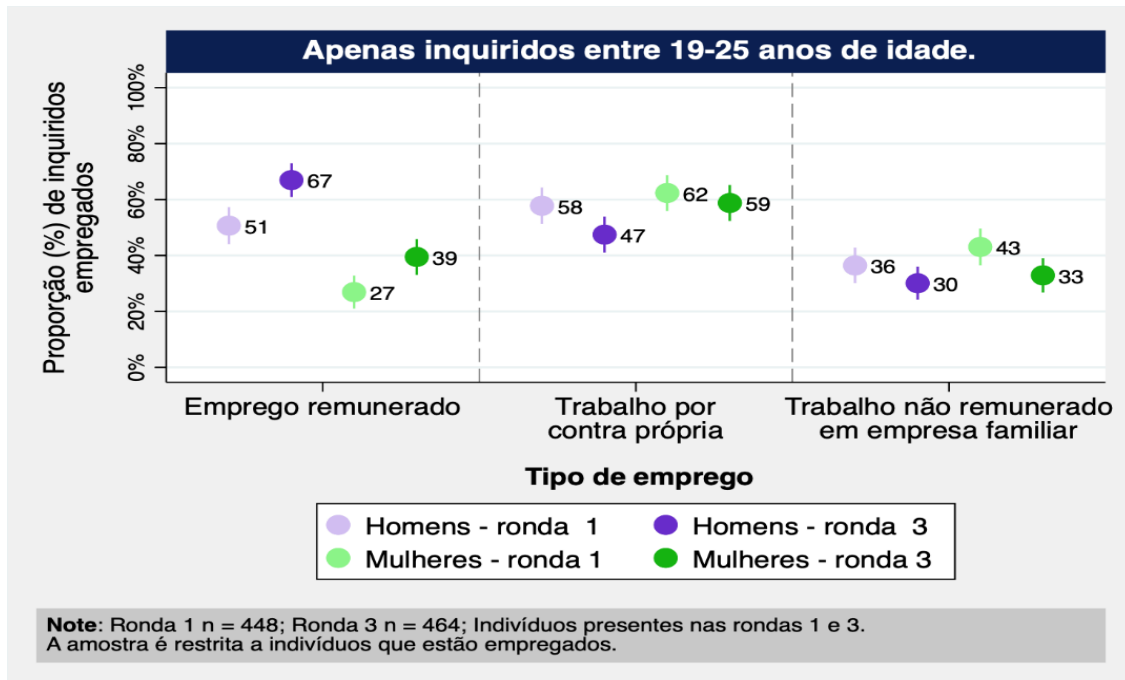
Também desagregámos os resultados sobre o tipo de emprego (Figura 3) por grupo etário nas Figuras 11 e 12. Mais uma vez, a nossa principal conclusão de que as mulheres têm muito menos probabilidades de serem assalariadas do que os homens se mantém para ambos os grupos etários em ambas as rondas de inquérito.

Figura 11: Tipo de emprego por género e ronda do inquérito, para inquiridos com idades entre os 15 e os 18 anos em 2017.



Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

Figura 12: Tipo de emprego por gênero e ronda do inquérito, para inquiridos com idades entre 19 e 25 anos em 2017.



Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

## A2: Regressões de efeitos fixos utilizando indicadores alternativos para as normas relativas à maternidade

Tabela 9: Probabilidade de homens e mulheres jovens trabalharem, regressões de efeitos fixos, especificações de normas alternativas

	Mulheres			Homens	
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
	Empregadas	Empregadas	Empregadas	Empregados	Empregados
Idade	0.007 (0.013)	0.006 (0.012)	0.000 (0.012)	0.028* (0.012)	0.029* (0.011)
Grau mais elevado concluído	-0.006 (0.012)	-0.007 (0.012)	-0.006 (0.012)	0.030** (0.011)	0.029** (0.011)
Solteiro	0.032 (0.111)	0.029 (0.110)	0.054 (0.109)	-0.009 (0.079)	-0.037 (0.069)
Número de filhos ainda vivos	-0.080 (0.055)	-0.078 (0.054)		0.045 (0.056)	
Dimensão do agregado familiar	0.034 (0.021)	0.034 (0.021)	0.032 (0.021)	-0.007 (0.019)	-0.006 (0.019)
Composição do agregado familiar: rácio entre os sexos	0.111 (0.187)	0.139 (0.189)	0.143 (0.189)	-0.022 (0.163)	-0.024 (0.163)
Índice de Pobreza Simples 2014/2015	0.012*** (0.003)	0.012*** (0.003)	0.012*** (0.004)	0.004 (0.003)	0.004 (0.003)
Número de horas gastas em trabalho reprodutivo	-0.024** (0.007)	-0.024** (0.008)	-0.026*** (0.007)	-0.007 (0.011)	-0.006 (0.010)
Tomar decisões sobre os meus movimentos sozinho	-0.021 (0.044)	-0.023 (0.045)	-0.023 (0.044)	0.010 (0.042)	0.008 (0.042)
Utiliza frequentemente um computador	-0.008 (0.065)	-0.008 (0.066)	-0.009 (0.065)	0.082 (0.049)	0.082 (0.049)
Membro de um grupo social (excepto igreja)	0.162*** (0.042)	0.165*** (0.043)	0.163*** (0.044)	0.045 (0.043)	0.045 (0.043)
Os outros aprovam as mulheres na liderança	0.007 (0.047)	0.014 (0.048)	0.011 (0.048)	-0.011 (0.036)	-0.012 (0.036)
Aprovaria a presença de mulheres na liderança	0.063 (0.076)	0.058 (0.077)	0.061 (0.078)	-0.039 (0.054)	-0.038 (0.054)
Número ideal de filhos que gostaria de ter	0.039 (0.040)	0.040 (0.039)	0.040 (0.039)		
Idade ideal para uma mulher ter o seu primeiro filho		0.010 (0.011)	0.011 (0.011)	-0.005 (0.010)	-0.006 (0.010)
Idade ideal para um homem ter o seu primeiro filho		0.002 (0.008)	0.002 (0.008)	-0.001 (0.007)	-0.001 (0.007)
Observações	1135	1126	1126	954	954

Fonte: Cálculos dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.

A nossa principal especificação baseada na teoria inclui o número de filhos que os inquiridos têm e que ainda estão vivos como co-variável para captar as normas sociais que os indivíduos podem enfrentar no que diz respeito à maternidade (ver Secção 3.2.1 e Tabela 4). Para avaliar se os resultados se alteram quando

incluímos outras variáveis nas nossas especificações que captam as normas sociais relativas ao número de filhos que as mulheres devem ter e à idade em que os indivíduos devem ter o seu primeiro filho, incluímos estas variáveis nas nossas regressões de efeitos fixos e apresentamos os resultados na Tabela 9. Note-se que a variável ‘número ideal de filhos que gostaria de ter’ apenas é colocada às mulheres inquiridas, pelo que não é incluída nas especificações (4) e (5). A tabela mostra que os resultados das nossas especificações principais na Tabela 4 são robustos relativamente a estas especificações alternativas.

### A3: Conjunto completo de variáveis utilizadas nas especificações LASSO

Na Tabela 10, apresentamos a lista completa das 149 variáveis incluídas nas regressões LASSO para as quais apresentamos resultados na Secção 5.2. Este é o conjunto de variáveis restantes após a implementação das etapas de gestão de dados descritas nessa secção. Note-se que todas as variáveis categóricas são incluídas na regressão como variáveis binárias transformadas, ou seja, cada categoria transformada numa variável artificial 1/0.

Tabela 10: Lista completa das variáveis incluídas nas regressões LASSO

Variável	N	Tipo
Índice de Pobreza (2008) indicador 9: O agregado familiar possui bicicleta, motocicleta ou carro.	2390	categórica
Índice de Pobreza (2008) indicador 8: O agregado familiar possui um rádio.	2390	categórica
Índice de Pobreza (2014) indicador 10: O agregado familiar possui um frigorífico.	2390	categórica
Quem toma decisões sobre as grandes despesas?	2374	categórica
Quem toma decisões sobre as pequenas despesas do agregado familiar?	2378	categórica
Quem toma decisões sobre os movimentos do inquirido?	2383	categórica
Quais são as suas aspirações educativas? (combinado com os níveis)	2389	categórica
Quais são as suas aspirações educativas? (graus)	2389	categórica
Qual foi o seu nível de assiduidade no ano lectivo anterior?	2373	categórica
Está actualmente inscrito no ensino?	2387	categórica
Qual é o nível de ensino mais elevado em que esteve inscrito?	2378	categórica
Em que ano deixou a escola (matriculado codificado como 'matriculado')	2356	categórica
Idade que tinha quando nasceu o primeiro filho.	2389	categórica
Vive com todos os filhos que teve/assumiu? (sem filhos codificado como tal)	2350	categórica
O seu filho está vivo? (sem filhos codificado como tal)	2390	categórica
O seu filho está em casa? (sem filhos codificado como tal)	2350	categórica
Estado de gravidez? (homens codificados como tal)	2381	categórica
Ano de nascimento do filho mais velho.	2389	categórica
Número ideal de filhos? (homens codificados como tal, a pergunta não lhes foi feita)	2295	categórica
Estado civil	2389	categórica
Idade do primeiro casamento/união conjugal.	2386	categórica
Todas as gravidezes conduziram ao nascimento ou houve um aborto espontâneo? (homens e nunca grávidas codificados como tal)	2381	categórica
Número de filhos ainda vivos.	2390	categórica
Número de filhos que ainda vivem em casa.	2350	categórica
A paternidade foi planeada. (nunca engravidou/teve um filho codificado como tal)	2341	categórica
Número de gravidezes. (homens e nunca grávidas codificados como tal)	2381	categórica
O inquirido vive num anexo?	2390	categórica
Fonte de energia do agregado familiar para cozinhar.	2390	categórica
Principal fonte de água potável do agregado familiar.	2390	categórica
Material principal do pavimento do agregado familiar.	2390	categórica
Fonte de energia do agregado familiar para iluminação.	2390	categórica
Tipo de casa de banho do agregado familiar.	2389	categórica
Principal material das paredes exteriores do agregado familiar.	2390	categórica

Qual é a PRINCIPAL actividade para a qual utiliza um computador?	2388	categórica
Qual é o principal local de utilização do computador?	2388	categórica
Propriedade do telefone	2388	categórica
Com que frequência é que as mulheres são seleccionadas para cargos de chefia aqui?	2388	categórica
Gostaria de ser seleccionado para a liderança de uma organização?	2388	categórica
Na sua opinião, quantas pessoas aqui aprovam que uma mulher seja seleccionada para a liderança de uma organização?	2388	categórica
Aprovaria ou desaprovaria se uma mulher daqui fosse seleccionada para a liderança de uma organização?	2388	categórica
Número de nascimentos/filhos paternos – categorias.	2390	categórica
Índice de Pobreza (2014) indicador 3 e 4: Chefe de família sabe ler ou escrever.	2390	categórica
Idade do inquirido.	2390	contínua
Índice de Pobreza Simples 2008, resultado final.	2339	contínua
Probabilidade de os agregados familiares estarem abaixo da linha de PPC de 1,25 USD/dia de 2005 (2008 SPS).	2339	contínua
Probabilidade de os agregados familiares estarem abaixo da linha de PPC de 2,5 USD/dia 2005 (2008 SPS).	2339	contínua
Rácio de dependência da idade no agregado familiar.	2373	contínua
Idade do inquirido quando começou a estudar.	2334	contínua
Idade ideal para uma mulher ter um filho.	2370	contínua
Idade ideal para um homem ter um filho.	2367	contínua
Número de nascimentos/filhos que teve.	2390	contínua
Grau de escolaridade mais elevado concluído.	2361	contínua
Número de pessoas a cargo no agregado familiar.	2373	contínua
Número de membros do agregado familiar do sexo feminino.	2373	contínua
Composição do agregado familiar: rácio entre os sexos.	2373	contínua
Dimensão do agregado familiar.	2373	contínua
Tempo gasto a cuidar dos filhos (horas por dia).	2390	contínua
Tempo de estudo em sala de aula (horas por dia).	2390	contínua
Tempo gasto nas tarefas domésticas (horas por dia).	2390	contínua
Tempo gasto na higiene (horas por dia).	2390	contínua
Tempo gasto na prestação de cuidados a doentes e idosos (horas por dia).	2390	contínua
Tempo gasto em actividades de lazer fora de casa (horas por dia).	2390	contínua
Tempo gasto em actividades de lazer em casa (horas por dia).	2390	contínua
Tempo gasto noutras actividades (horas por dia).	2390	contínua
Tempo gasto a dormir e a relaxar (horas por dia).	2390	contínua
Tempo gasto a estudar em casa (horas por dia).	2390	contínua
Tempo gasto em deslocações (horas por dia).	2390	contínua
Número de horas gastas por dia em trabalho reprodutivo.	2390	contínua
Aprovaria a presença de mulheres na liderança?	2390	binária
Género: homem ou mulher?	2390	binária
Responsável pela tomada de decisões sobre grandes despesas quando os jovens não estão envolvidos: outro.	2374	binária
Responsável pela tomada de decisões sobre grandes despesas quando os jovens não estão envolvidos: um familiar.	2374	binária

Responsável pela tomada de decisões sobre grandes despesas quando os jovens não estão envolvidos: companheiro.	2374	binária
Está envolvido em grandes despesas domésticas? (Sim/Não)	2374	binária
Responsável pela tomada de decisões sobre pequenas despesas quando os jovens não estão envolvidos: outro.	2378	binária
Responsável pela tomada de decisões sobre pequenas despesas quando os jovens não estão envolvidos: um familiar.	2378	binária
Responsável pela tomada de decisões sobre pequenas despesas quando os jovens não estão envolvidos: companheiro.	2378	binária
Está envolvido em pequenas despesas domésticas? (Sim/Não)	2378	binária
Principal motivo para faltar à escola: Doença.	2373	binária
Principal motivo para faltar à escola: Doença de um membro da família.	2373	binária
Principal motivo para faltar à escola: Tarefas domésticas.	2373	binária
Principal motivo para faltar à escola: Cuidados infantis.	2373	binária
Principal motivo para faltar à escola: Biscate/emprego.	2373	binária
Principal motivo para faltar à escola: Actividades de lazer.	2373	binária
Principal motivo para faltar à escola: Não ter dinheiro para transportes/outras despesas relacionadas com a educação.	2373	binária
Principal motivo para faltar à escola: Menstruação.	2373	binária
Atraso para a escola.	2373	binária
Principal motivo para faltar à escola: Outro.	2373	binária
Concluiu pelo menos a 10. <sup>a</sup> classe (Secundário 1).	2361	binária
Concluiu pelo menos a 12. <sup>a</sup> classe (Secundário 2).	2361	binária
Concluiu pelo menos o ensino primário.	2361	binária
Concluiu pelo menos um ano de universidade.	2361	binária
Vive num agregado familiar chefiado por mulheres.	2373	binária
Teve um filho com menos de 18 anos.	2390	binária
Já deu à luz/teve um filho?	2390	binária
Sabe onde obter informações sobre planeamento familiar ou adiamento da gravidez.	2385	binária
É actualmente casada.	2389	binária
Foi casada com menos de 18 anos.	2389	binária
Está actualmente grávida?	2380	binária
Já esteve grávida?	2381	binária
Há alguém que contribua em dinheiro para as suas despesas de subsistência?	2389	binária
O meu companheiro contribui para as minhas despesas mensais.	2389	binária
Pessoas que contribuem para as despesas mensais de subsistência: mãe.	2389	binária
Pessoas que contribuem para as despesas mensais: namorado/namorada.	2389	binária
Pessoas que contribuem para as despesas mensais: outro membro da família.	2389	binária
Pessoas que contribuem para as despesas mensais: irmãos, tio/tia, avô.	2390	binária
Pessoas que contribuem para as despesas mensais: pai.	2389	binária
Pessoas que contribuem para as despesas mensais: marido/esposa.	2389	binária
Pessoas que contribuem para as despesas mensais de subsistência: agregado familiar (se diferente dos outros).	2389	binária
Pessoas que contribuem para as despesas mensais: irmão/irmã.	2389	binária
Pessoas que contribuem para as despesas mensais: tio/tia.	2389	binária
Pessoas que contribuem para as despesas mensais: avô/avó.	2389	binária



Pessoas que contribuem para as despesas mensais: outro membro da família (em Moçambique).	2389	binária
Pessoas que contribuem para as despesas mensais: outro membro da família que vive no estrangeiro.	2389	binária
Pessoas que contribuem para as despesas mensais: outros (especificar).	2389	binária
Financeiramente independente?	2389	binária
Bens detidos pelo agregado familiar: uma televisão.	2390	binária
Bens detidos pelo agregado familiar: um ferro não elétrico.	2390	binária
Bens detidos pelo agregado familiar: um ferro elétrico.	2390	binária
Bens pertencentes ao agregado familiar: um relógio.	2390	binária
Bens pertencentes ao agregado familiar: uma cama ou um berço.	2390	binária
Bens pertencentes ao agregado familiar: telemóvel.	2390	binária
O inquirido é o chefe de família.	2369	binária
Chefe de família trabalhou nos últimos 7 dias.	2366	binária
O inquirido vive sozinho.	2373	binária
Utiliza frequentemente um computador.	2388	binária
Pertence a algum grupo social.	2388	binária
Adesão a grupos: grupo da igreja.	2388	binária
Participação em grupos: grupo de crédito/poupança.	2388	binária
Participação em grupos: grupo político.	2388	binária
Associação a grupos: grupo comunitário.	2388	binária
Participação em grupos: outros (especificar).	2388	binária
Frequência com que as mulheres são seleccionadas para cargos de chefia. (Nunca/raramente vs. às vezes/frequentemente)	2388	binária
Gostaria de ocupar um cargo de liderança um dia?	2388	binária
Os outros aprovam as mulheres na liderança?	2390	binária
Gastou tempo em: cuidados infantis.	2388	binária
Gastou tempo em: sala de aula.	2388	binária
Gastou tempo em: tarefas domésticas.	2388	binária
Gastou tempo em: higiene.	2388	binária
Gastou tempo em: cuidar de doentes e idosos.	2388	binária
Gastou tempo em: lazer fora de casa.	2388	binária
Gastou tempo em: lazer em casa.	2388	binária
Gastou tempo em: outros.	2388	binária
Gastou tempo em: dormir.	2388	binária
Gastou tempo em: estudar em casa.	2388	binária
Gastou tempo em: viagens.	2388	binária
Membro de um grupo social (excepto igreja).	2388	binária
Dedicação ao trabalho reprodutivo?	2390	binária
O indivíduo mudou de residência entre as rondas do inquérito?	2390	binária

Fonte: Descrições dos autores com base nos dados do Inquérito MUVA aos Jovens Urbanos.